

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

CATHERINE RODRIGUES LOPES

UM ESTUDO FONÊMICO DO GUARANI NHANDÉWA FALADO NA
MICRORREGIÃO DA GRANDE DOURADOS (MS)

CÁCERES-MT

2021

CATHERINE RODRIGUES LOPES

**UM ESTUDO FONÊMICO DO GUARANI NHANDÉWA FALADO NA
MICRORREGIÃO DA GRANDE DOURADOS (MS)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao **Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – Carlos Alberto Reyes Maldonado (UNEMAT)**, como requisito parcial à obtenção do grau de mestra em **Linguística**.

Área de concentração: Estudo de Processos Descritivos, de Análise e Documentação de Línguas Indígenas.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Faria Cardoso.

CÁCERES-MT

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT Catalogação de Publicação na Fonte. UNEMAT -
Unidade padrão

L864e Lopes, Catherine Rodrigues.

Um estudo fonêmico do Guaraní Nhandewa falado na microrregião da Grande Dourados-MS / Catherine Rodrigues Lopes. - Cáceres, 2021.

62f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Mestrado Acadêmico, Campus Universitário De Cáceres "Jane Vanini".

Orientadora: Dr^a Valeria Faria Cardoso.

1. Línguas Indígenas. 2. Nhandewa (Guaraní). 3. Fonética. 4. Fonêmica. I. Cardoso, Valeria Faria. II. Um estudo fonêmico do Guaraní Nhandewa falado na microrregião da Grande Dourados-MS

UNEMAT / MT-SCB

CDU 8=88

CATHERINE RODRIGUES LOPES

**UM ESTUDO FONÊMICO DO GUARANI NHANDÉWA FALADO NA
MICRORREGIÃO DA GRANDE DOURADOS (MS)**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Valéria Faria Cardoso (UNEMAT)
Orientadora

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori (IEL/UNICAMP)
Avaliador Externo

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino (UNEMAT)
Avaliador Interno

APROVADA EM: ____/____/____.

*Este trabalho é dedicado ao povo indígena
Nhandewa-Guarani, principais protagonistas
desta pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por ter me dado a vida, inteligência e me concedido forças para poder vencer todos os obstáculos que apareceram nesta caminhada, dando-me respostas e me confortando nas minhas angústias.

À minha família, por me ensinar valores de respeito, humildade e gratidão, que me foram tão necessários nessa jornada acadêmica e que serão para a vida toda. Em especial, ao meu pai Adenilson Lopes, que sempre esteve ao meu lado me dando suporte para ir além. À minha mãe Ana Cléia que sempre reza por mim e é meu porto seguro. À minha esposa Rafaelly Ferreira de Almeida, pela paciência, carinho, por perder noites estudando comigo e me apoiando nesta jornada, deixo aqui o meu mais sincero agradecimento.

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a. Valéria Faria Cardoso, pelos conselhos, pela paciência, orientações e correções sempre precisas. Agradeço por ter confiado em mim. Obrigada pelo exemplo de dedicação e busca constante pela excelência.

Não poderia deixar de agradecer aos professores que fizeram parte da minha banca: Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino e Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori e a Prof.^a. Dr.^a Cristiane Schmidt que contribuíram muito para que o meu trabalho se tornasse ainda melhor.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Cáceres-MT, e aos funcionários e professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL).

RESUMO

Este trabalho se inscreve na linha de pesquisa Estudo de Processos Descritivos, de Análise e Documentação de Línguas Indígenas, cujo *corpus* foi constituído por meio de dados coletados em campo no ano de 2008, e disponibilizados pela pesquisadora Valéria Faria Cardoso, que os coletou junto às comunidades indígenas de Jaguapiru e Bororó, município de Dourados (MS), e na reserva indígena de Caarapó (MS). Pretendemos com esse estudo, desenvolver uma análise da sistematização fonológica do Nhandewa, variedade da língua Guarani (subgrupo I da família Tupi-Guarani) falada, especificamente, no estado de Mato Grosso do Sul. A partir disso, descrever foneticamente os segmentos sonoros consonantais e vocálicos do Nhandewa, tendo como perspectiva os aspectos fisiológicos e articulatórios da produção da fala e, posteriormente, apresentar uma análise fonológica do Nhandewa, trazendo como orientação básica de Pike (1947, 1974) modelo este que apresentará as unidades que estão em oposição e as quais estarão em distribuição complementar. Por fim, em algumas análises optamos por utilizar modelos mais atuais para o estudo de aspectos específicos da língua, tais como quantidade silábica e acento. A metodologia adotada é de abordagem qualitativa com análise documental. A coleta de dados, de acordo com Cardoso (2008), deu-se por meio de um gravador analógico e o uso de fitas cassetes. Incluem lista de palavras e textos de reconhecimento do cotidiano nas comunidades indígenas. Para desenvolver este estudo embasamo-nos em alguns referenciais teóricos como: Silva (2003), Kindell (1981), Pike (1947; 1974), Wetzels (1995), entre outras autoridades que contribuíram com as discussões propostas.

Palavras-chave: Línguas indígenas; Nhandewa (Guarani); Fonética; Fonêmica.

ABSTRACT

This work falls within the research line of Descriptive, Analytical, and Documentation Processes of Indigenous Languages. The corpus was constituted through data collected in the field in 2008 and made available by the researcher Valéria Faria Cardoso, who collected them from the indigenous communities of Jaguapiru and Bororó, in the municipality of Dourados (MS), and in the indigenous reserve of Caarapó (MS). With this study, we aim to develop an analysis of the phonological systematization of Nhandewa, a variety of the Guaraní language (subgroup I of the Tupi-Guaraní family), spoken specifically in the state of Mato Grosso do Sul. From this, we intend to provide a phonetic description of the consonantal and vowel sound segments of Nhandewa, considering the physiological and articulatory aspects of speech production. Subsequently, we will present a phonological analysis of Nhandewa, guided by Pike's model (1947, 1974), which will identify the units in opposition and those in complementary distribution. Finally, in some analyses, we chose to use more current models for the study of specific aspects of the language, such as syllabic quantity and accent. The adopted methodology is a qualitative approach with documentary analysis. Data collection, according to Cardoso (2008), was carried out using an analog recorder and cassette tapes. It includes a list of words and everyday recognition texts in indigenous communities. To develop this study, we relied on some theoretical frameworks, including Silva (2003), Kindell (1981), Pike (1947; 1974), Wetzels (1995), among other authorities who contributed to the proposed discussions.

Keywords: Indigenous languages; Nhandewa (Guaraní); Phonetics; Phonemics."

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Árvore Linguística/Tronco.....	27
Figura 2: Fones consonantais.	30
Figura 3: Fones vocálicos.	36
Figura 4: Fonemas consonantais.	41
Figura 5: Fones consonantais.	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: FONES CONSONANTAIS DO NHANDEWA (MS).....	31
Quadro 2: FONES VOCÁLICOS DO NHANDEWA (MS).	36
Quadro 3: FONEMAS CONSONANTAIS – NHANDEWA (MS).....	41
Quadro 4: FONEMAS VOCÁLICOS – NHANDEWA (MS).....	42

LISTA DE MAPAS E IMAGENS

Imagem 1: Reserva Indígena de Dourados.	23
Mapa 1: Guaraní Continental.	21
Mapa 2: Guaraní Continental Verso.	22

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I.....	16
1.1 O Povo Guarani e sua Cultura.....	16
1.2 Os Nhandewa do Mato Grosso do Sul: demografia e localização	20
1.3 Aspectos sócio-histórico-culturais dos Nhandewa do Mato Grosso do Sul	24
1.4 Filiação da Variedade do Guarani Nhandewa.....	27
1.5 Trabalhos sobre o Guarani Nhandewa.....	28
CAPÍTULO II - DESCRIÇÃO FONÉTICA DO NHANDEWA.....	30
2.1 Descrição e distribuição dos segmentos consonantais	30
2.2 Segmentos oclusivos, Nasais, Pré-nasalados, Tepe, Fricativos, Africado e Aproximante.	32
2.3 Descrição dos segmentos vocálicos.....	36
2.4 Distribuição dos fones vocálicos. Vogais orais: Altos, Médios-altos, Médios-baixos, Baixo, Médios-baixos.....	36
2.5 Vogais orais – Nasais, Altos, Médios-altos, Baixo.	38
CAPÍTULO III - ANÁLISE FONÊMICA.....	41
3.1 Sistematização fonologia Nhandewa: uma análise fonêmica	41
3.2 Fonemas consonantais - Oclusivas /p t k kw ʔ/ E Nasais /m n ɲ ɳw/.....	43
3.3 Fricativas /v s ʃ h/ - Tepe /r/.....	50
3.4 Fonemas vocálicos. Altas Anteriores Orais e Nasais /i/ e /iː/.....	51
3.5 Altas Centrais Orais e Nasais /i/ e /ĩ/ - Altas Posteriores Orais e Nasais /u/ e /ũ/.....	52
3.6 Médias Anteriores Orais e Nasais /e/ e /eː/ - Médias Posteriores Orais e Nasais /o/ e /oː/ - Baixa oral e nasal /a/ e /aː/.....	54
3.7 Nasalização, estrutura silábica e o acento no Guarani (Nhandewa).....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tematiza a descrição e a análise de segmentos sonoros da língua Guarani, variedade Nhandewa, falada em comunidades indígenas, situadas na microrregião da Grande Dourados, Estado de Mato Grosso do Sul, mais especificamente nas comunidades indígenas Jaguapiru e Bororó, nas quais coabitam os indígenas Nhandewa (que se autodenominam Guarani) e os Kaiowá.

Dividimos o desenvolvimento da pesquisa em 3 capítulos: o primeiro trata do contexto histórico dos Guarani, de modo breve e sucinto, desde a localização à divisão de grupos, tronco linguístico e eventos que foram importantes para a composição da cultura dos Guarani.

No segundo capítulo, trazemos dados que foram transcritos foneticamente (manualmente e posteriormente transcrito digitalmente) com o intuito de analisar os aspectos articulatórios da produção da fala, para que, posteriormente, pudéssemos apresentar uma análise fonológica do Guarani- Nhandewa da comunidade *Jaguapiru* e *Bororó*, tendo como orientação básica os procedimentos de descoberta de fonemas de Pike (1947, 1974), que buscam a oposição dos segmentos com elementos funcionais, assim como daqueles que são variantes dessas unidades funcionais que se encontram em distribuição complementar.

Para o desenvolvimento do segundo capítulo, fizemos a coleta primária de dados que se deu por meio da pesquisa realizada por Cardoso (2008) que os coletou junto às comunidades indígenas de *Jaguapiru* e *Bororó*, município de Dourados (MS), utilizando um gravador analógico e o uso de fitas cassetes. Os dados incluem lista de palavras e textos de reconhecimento do cotidiano nas comunidades indígenas. Tais dados utilizados nesta pesquisa cedida pela pesquisadora Cardoso (2008), foram digitalizados por meio do conversor de cassete *Ezcap Usb Cassette Capture* e do aplicativo *Wave audacity*¹, que os transformaram no formato Mp3. Concernente às materialidades da variedade Guarani-Nhandewa, foram transcritos foneticamente e analisados fonologicamente (fonêmica).

Desse modo, o uso de palavras e frases na língua pesquisada propiciou a descrição de sua fonética, bem como de sua organização fonológica. Por ser uma entrevista ocorrida há mais de 10 anos, não houve nenhum procedimento voltado ao comitê de ética, já que não há mais contato com o informante e nenhuma outra informação do mesmo. Assim, por meio desse

¹O audacity é um software que transforma o formato do áudio K7 em digital, ao utilizar, ele transforma o áudio em projeto, assim ele pode ser convertido no formato MP3. Ele pode ser baixado no site <https://audacity.br.uptodown.com/windows/download>.

material, realizamos as transcrições fonéticas a partir de símbolos fonéticos do IPA², com uso especial da fonte *Charis SIL Unicode*.

O terceiro capítulo é composto pela análise fonêmica, em que trazemos detalhadamente os fonemas encontrados na transcrição, colocando em contraste para determinar os pares mínimos e paranálogos, compondo também as questões da OCP que não ocorre na variedade Nhandewa, mas que ocorrem em outras variedades do Guaraní. Para finalizar, apresentamos, de modo sucinto, a questão silábica estrutural da variedade Nhandewa do Mato Grosso do Sul.

Temos como as considerações finais de que há uma diferença nessa variedade Guaraní-Nhadewa, sendo que há fonemas que não são utilizados no Nhandeva de São Paulo e Paraná, como a “glotal” — frequente nessa língua, quebrando o padrão da OCP, tornando-se a quebra do padrão. No quesito silábico, a predominância “Consoante e Vogal” (CV), “Vogal e Consoante” (VC) e “Vogais” (V) são a predominação silábica dessa língua, assim como os fonemas determinados nessa pesquisa através da transcrição do áudio.

² IPA – International Phonetic Alphabet (Alfabeto fonético internacional).

CAPÍTULO I

Neste capítulo, abordamos a história e a cultura do povo Guarani e a sua demarcação geográfica no Brasil e na América Latina.

1.1 O Povo Guarani e sua Cultura

A existência do povo guarani é milenar, porém, todas as documentações e relatos históricos iniciais sejam conhecidas por conta das missões jesuíticas que visavam catequizar os indígenas na época da colonização dos países europeus na América Latina (Surreal, 2014). Segundo Nimuendaju (1987), as missões acabaram se tornando refúgio para proteger a comunidade do avanço do imperialismo europeu no Brasil.

Surreal (2014) aponta que as consequências da colonização para os povos Guarani, desde as primeiras ações protagonizadas pelos colonizadores europeus, são irreparáveis, além de perderem territórios, costumes e membros da própria etnia, foram a eles impostas inúmeras regras, inclusive de confinamento, os quais fizeram com que eles sofressem para se adaptar.

Com base nisso, Surreal (2014) diz que:

Although some aspects are unique to this particular institution, studying the Guaraní missions also offers new insights into broader relationship between Europeans colonists and native people. The history of colonial Latin America is extension of Spanish and Portuguese rules or failed of – over indigenous people and territory in the past, this has been a story of how Spaniards and Portuguese (conquistadors, missionaries, and settler) forced their rules upon Indians. (SURREAL 2014, p. 12).³

Com as regras impostas pelos portugueses (que perduram até a atualidade), aqui no Brasil, foi necessário recorrer inicialmente ao Serviço de proteção aos Índios-SPI (1910), o qual se tornaria, mais tarde, a Funai (Fundação Nacional do Índio).

Com muito esforço, o pesquisador Curt Nimuendaju (1987), conseguiu proteger a etnia guarani, que ainda está na demarcação que fora feita pelo SPI. Na visão do autor, a proteção era necessária, já que as atrocidades da sociedade “civilizada” se acirravam à medida que

³ Embora alguns aspectos sejam exclusivos desta instituição em particular, estudar as missões guaranis também oferece novas perspectivas sobre uma relação mais ampla entre os colonos europeus e os povos nativos. A história da América Latina colonial é uma extensão das regras espanholas e portuguesas ou um fracasso de - sobre povos e territórios indígenas no passado, esta tem sido uma história de como espanhóis e portugueses (conquistadores, missionários e colonos) forçaram as suas regras aos índios.

avançava o projeto de ocupação, colonização e conquista de terras. Essa ação “civilizatória e progressista” fez com que muitos povos se sentissem encurralados em pequenas porções de terra e desterritorializados de suas terras de cultivo, locais para rituais sagrados, comemorações e rito de passagem dos indígenas.

Toda a cultura dos Guarani e sua essência derivam da terra e perder seu espaço estava afetando a cultura e a todos da etnia.

Segundo o relato do autor:

Em 1910, finalmente, consegui com muito esforço chamar a atenção do serviço aos Índios, ao qual então eu mesmo já pertencia, para os meus irmãos de tribo, abandonados e caluniados por todo o mundo. Graças à simpatia humanitária e à compreensão das necessidades dos índios- infelizmente raríssima instância competente – que encontrei no Inspetor dos índios de São Paulo, senhor Horta Barboza, o Araribá foi convertido em asilo para os números remanescentes dispersos da tribo Guarani, formando hoje seu centro principal. A maioria dos índios desta tribo que habitava em São Paulo, bem como um grande número deles do Mato Grosso e Paraná, aceitaram minhas propostas de mudança para esta reserva nos anos de 1912 e 1913). (NIMUENDAJU, 1987, p. 13).

A essência do Guarani é a terra, que é sagrada porque é dela que provém a riqueza, a beleza e a sobrevivência. Dessa maneira, toda a sabedoria que eles possuem sobre os cultivos e sobre diversas espécies de plantas esta intrinsecamente ligada a escolha de um território, bem como as características da terra escolhida feitas pelo guarani. Nesse sentido:

As evidências arqueológicas mostram que os Guarani chegaram a ocupar as melhores terras da bacia do rio Paraguai, Paraná, Uruguai e do Sapé da colheita. São terras especialmente aptas para o cultivo do milho, da mandioca, de vários feijões, abóbora, batata e amendoim. São terras nas quais a técnica agrícola de roçado permite uma produção alternativa. (MELIÀ, 1990, p. 33).

A produção desses alimentos representa fartura para os povos originários: o plantio, a pesca e a caça são as principais formas que utilizam para viver, e, por essa razão, a terra é sagrada e faz parte da essência dos povos Guarani.

Para melhor compreensão do comportamento, Melià ressalta que:

As evidências arqueológicas, corroboradas pelas notícias mais antigas, mostram a ocupação de determinadas terras como um elemento constitutivo do modo de ser Guarani. Em outros termos, a vida guarani nunca se liberta, nem se abstrai da questão da terra. (MELIÀ 1990, p. 34).

O caráter de sacralidade da terra atribuído pelo povo Guarani, está fortemente ligado à maneira que a escolha da terra é feita, em conformidade com o conhecimento que outrora adquirira em outras localidades. Com isso, eles conseguem diferenciar as terras que podem lhes servir para o cultivo ou não. O papel que o local escolhido tem sobre eles é soberano, pois, ao adentrar as terras novas, eles buscam se adaptar com o que ela tem a oferecer. O local escolhido que irá ditar as regras de vivência, de qual o plantio será mais adequado ou abundante, mesmo quando houver o mal da terra, que são os momentos de baixo cultivo, portanto, é a terra que faz os Guarani.

Um dos grandes impactos causado pela colonização foi a realocação dos Guarani, dita como necessária para a contenção de uma demanda negativa de crueldade contra o povo. O que eles perderam, entretanto, em prol da colonização, é expresso por surreal (2014):

The Guaraní abandoned their homes and relocated to large, compact town shared with various other groups of Guaraní. They had to live with new people and submit to new authorities. They gave up much of their former freedom encountered strange new rules, and were compelled to restructure many aspects of their daily life. (SURREAL, 2014, p. 16).⁴

A reestruturação dos Guarani não tirou a ligação profunda que eles possuem com a terra, mesmo temendo o pior por conta do passado. O vínculo que eles possuem com a terra é descrito por Almeida e Mura como um significado maior, uma vez que:

os Guarani denominam os lugares que ocupam de tekoha, significando o lugar físico (terra, mato, campo, água, animais, planta, remédios, etc.) onde se realiza o teko, o 'modo de ser', o estado da vida guarani. O tekoha engloba a efetivação de relações sociais de grupos macro familiares que vivem e se relacionam em um espaço físico e determinado. Idealmente este espaço deve incluir, necessariamente, o ka'aguy (mato), elemento apreciado e de grande importância na vida desses indígenas como fonte para coleta de alimentos, matéria-prima para construção de casas, produção de utensílios, lenha para fogo, remédios, etc. O ka'aguy é também importante elemento na construção da cosmologia, sendo palco de narração mitológica e morada de inúmeros espíritos. Indispensáveis no espaço guarani são as áreas para plantio da roça familiar ou coletiva e a construção de suas habitações e lugares para atividades religiosas. (ALMEIDA; MURA, 2003, apud. Santana Junior, 2009, p.02).

⁴ Os Guaranis abandonaram as suas casas e mudaram-se para uma grande cidade acampada, partilhada com vários outros grupos de Guaranis. Tiveram de viver com novas pessoas e somar a novas autoridades. Abandonaram grande parte da sua liberdade anterior, encontraram novas regras estranhas, e foram obrigados a reestruturar muitos aspectos da sua vida quotidiana.

Assim, toda a migração que fora feita era uma procura do povo por uma “terra sem males”, a terra na qual não haverá mal nenhum. Esse mal relatado envolve tanto a natureza quanto o homem, sendo que eles sabem que, quanto mais o plantio é feito, mais a terra cansa.

Dessa forma, eles nunca deixaram a terra devastada, mas vivem à procura da terra que não sofra com o mal da própria natureza/homem. Tanto Melià (1990) quanto Nimeundajú (1987) ressaltam que a crença vai além da busca da terra sem males, pois eles acreditam que o mal da terra é o homem, pois as desgraças naturais não ocorrem sem serem provocadas por uma ação humana.

Um ponto importante que Melià menciona é que os europeus encontraram nas etnias Guaraní, uma divina abundância de alimentos que supriam não só eles, mas umas 3 mil pessoas, em que “os recursos alimentícios asseguravam uma tranquila fartura e uma hospitalidade sem reservas” (Melià, 1986, p. 20). Isso trazia surpresa para os europeus, que, de certa forma, começaram a aprender sobre cultivo com os Guaraní.

Curt Nimuendaju (1987) realizou um estudo sobre a migração dos Guaraní e, a partir disso, o autor relata sobre a crença deles na “terra sem males”, assim como histórias contadas por nativos voltadas para a criação da terra e suas crenças. O autor ressalta, ainda, em seus escritos, que “uma terra sem mal deve também encontrar-se no centro da superfície terrestre” (Nimeundaju, 1987, p. 98).

Crença que transcende o ser Guaraní que, para Melià, reflete “[...] em longas migrações quando eventualmente ocorrem, seja em deslocamentos para regiões contíguas, nunca esteve desligada da condição e modo de viver” (Melià, 1990, p. 45). É uma cultura, um saber, um viver que é transmitido ao longo de cada geração dos Guaraní.

Segundo Nimuendaju (1987, p. 08), “o habitat original dos Apapocúva⁵ situa-se na margem direita do baixo Iguatemi, extremo sul de Mato grosso”. Para explicar essa origem, Rodrigues (1945) afirma que essas limitações estavam localizadas entre os rios “[...] Paraná e Paraguai, aproximadamente onde está situada hoje a República do Paraguai, cujos descendentes, mais tarde, na época da descoberta, depois de emigrações diversas, constituíam os Tupis e o Guaranis.” (Rodrigues, 1945, p. 333).

As várias migrações que ocorreram do Oeste para o Leste, na época pré-colombiana, fizeram com que os Tupis deixassem seu habitat primitivo. Diante disso, Rodrigues (1945) aborda que eles se dirigiram em grande quantidade para o oriente, atravessando os territórios

⁵ Denominação dada a etnia Guaraní Nhandewas que localizavam nas regiões de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul, na obra de Nimuendaju 1987, p.08.

que são atualmente o estado do Paraná e São Paulo; alcançaram o litoral, estendendo-se por quase toda a costa. Toda essa migração aconteceu séculos antes da “descoberta”. Para Rodrigues (1945) essa é a migração mais considerável das que se processaram.

O autor relata que:

Os Guaranis, que se mantiveram ao sul, também se dividiram em várias tribos, sendo a sua maioria conhecida pelo nome de carijó (Kari'ó), estendendo-se desde o litoral até a regiões paraguaias, pelo sul do trópico de Capricórnio. O limite presumível entre os tupis e os Guaranis devia coincidir com o limite entre tupinambás ou tamoios e os carijós, que apesar de terem origem comum, eram inimigos. (LÉRY, 1926, p. 264 apud RODRIGUES, 1945, p. 335).

Um aspecto que é de grande importância, como destaca Schanden (1974), é que todas essas migrações que Nimuendaju menciona, são como as etnias se comportam.

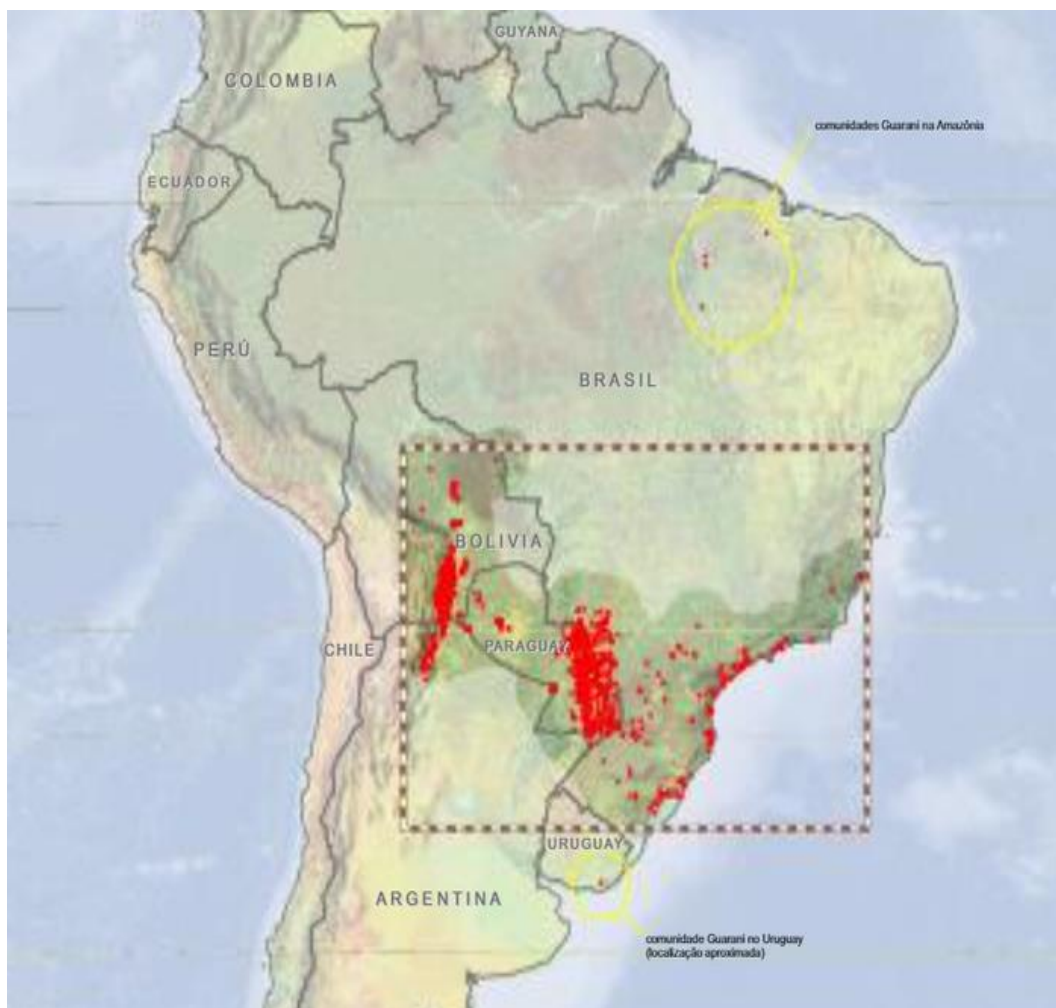
Entre os Guaranis contemporâneos a consciência da unidade tribal não chegou a prevalecer. Cada um dos subgrupos procura acentuar e exagerar as diferenças existentes, a ponto de se criticarem e ridicularizarem uns aos outros. A diversidade dos dialetos, das crenças e práticas religiosas de constituições psíquica e mesmo da aparência física serve de motivo para cada bando afirmar a todo momento a sua superioridade sobre os demais. (SCHANDEN, 1974, p. 01).

Assim, na contemporaneidade, os Guaranis do Brasil são divididos em três grandes grupos, Mbyá, Kaiowá e Nhandewa, que se divergem por muito pouco, seja na língua quanto na cultura (SCHANDEN, 1954).

1.2 Os Nhandewa do Mato Grosso do Sul: demografia e localização

O estado do Mato Grosso do Sul possui cerca de 30 áreas variadas e de diferentes condições fundiárias. Dentro dessa organização, os territórios são divididos entre Kaiowá e Nhandewa, sendo os Kaiowá mais populosos, porém como atualmente ambos dividem o mesmo território, há casamento entre eles. Desse modo, dentro dessa área restrita, encontra-se a maior população Guaranis dentro do Brasil. Atualmente, no Brasil, a maior concentração dos Guaranis está ao Sul, como podemos observar no mapa 1 entre Brasil - Paraguai.

Mapa 1: Guaraní Continental.⁶



Fonte: Sposati (2017).

Dentro dessa divisa, observarmos que a concentração dos Guaraní está ao Sul do Brasil, juntamente na linha divisória entre Brasil e Paraguai.

Nota-se no mapa 2, que há uma mistura de etnias guarani espalhada pelo Estado do Mato Grosso do Sul. Diante disso, podemos observar com o efeito de *zoom*, a divisão que ocorre em Dourados -MS, em que os pontos verdes fazem indicativos às comunidades com mais de um grupo e os pontos laranjas são Kaiowá.

⁶ Os mapas 1 e 2 são encontrados no seguinte site: <http://campanhaguarani.org/guaranicontinental/mapas/>.

Imagem 1: Reserva Indígena de Dourados.



Propriedades limítrofes à Reserva Indígena de Dourados poderão ser declaradas de utilidade pública para fins de desapropriação com objetivo de ampliar a área dos atuais 3.600 para 20 mil hectares. -

Fonte: O progresso (2015).

Diante das imagens apresentadas e a discussão supracitada, é possível observar que os Kaiowá e os Nhandewa dividem o território na reserva de Dourados. A esse respeito, Brand (1998) ressalta que há oito reservas indígenas e quatorze aldeias, totalizando 22 áreas indígenas com aproximadamente 25.000 (vinte e cinco mil) pessoas. A área indígena possui cerca de 150 km (cento e cinquenta quilômetros) entre MS e Paraguai, dentro de todas as regiões já mencionadas.

Os Nhandewa se encontram em todas as reservas e aldeias da microrregião da Grande Dourados, sendo os únicos a se considerarem Guarani. De acordo com Schaden (1954, pp. 87-89) as lotações dos Nhandewa mais notáveis são em três locais, sendo elas: Porto lindo, Jacareí e Pirajuí. Desse modo, apresentamos os dados atualizados do Instituto Socioambiental:

Apesar da ausência de recenseamentos ou pesquisas demográficas mais acuradas, há indícios, por amostragem de áreas onde foi possível censo bem aplicado, de que os Guarani apresentem, de um modo geral, altas taxas de fecundidade e crescimento populacional. No Brasil, tomando-se por base, sempre, cálculos aproximados, haveria, segundo os dados da Funasa e Funai em 2008, aproximadamente 51.000 indivíduos, sendo 31.000 Kaiowa, entre 13.000 Nhandewa e 7.000 Mbya, localizados principalmente no Mato Grosso do Sul. Na Argentina a população guarani é quase exclusivamente Mbya e

concentra-se na província de Misiones em torno de 5.500 pessoas. A população Ñandeva na Argentina é estimada em cerca de 1000 pessoas. (CTI/G. Grünberg, 2008). A população Mbya atual estaria, segundo essas projeções, em torno de 27.380 pessoas. Cada subgrupo e cada região dentro dos territórios guaranis apresentarão, no entanto, especificidades quanto a sua situação demográfica ou na relação entre espaço disponível a uma determinada comunidade e a extensão de terra existente. (SOCIOMABIENTAL, 2021, s/p.).⁷

1.3 Aspectos sócio-histórico-culturais dos Nhandewa do Mato Grosso do Sul

O Nhandewa é um subgrupo guarani, sendo descendentes do apapokuvá. Segundo Nimeundaju (1987), os apapokuvá são originários do extremo sul de Mato Grosso, situados à margem direita do baixo Iguatemi, no extremo sul de Mato Grosso.

Nimuendaju (1987), em sua narrativa sobre os Apapocúva, faz uma observação acerca dos Guarani e suas imigrações no decorrer dos séculos XVII e XVIII, em que teve como marco principal, suas caminhadas em busca de novos lugares para fugir do domínio dos jesuítas, uma parte dos grupos Guarani foram deixando de existir por conta de doenças e pobreza, uma consequência dessa fuga. Nesse sentido, Nimuendaju (1987) aponta como um marco inicial do século XIX um movimento religioso que permanece inacabado até hoje entre as etnias Guarani, localizadas em Mato Grosso (Atualmente Mato Grosso do Sul) como danças, rituais, canto mágico voltado para “terra sem mal”.

Diante disso, Susnik (1979-80) aponta que até a metade do século XIX, a trompa sul do Mato Grosso do Sul fez com que os Guarani pudessem refazer as suas organizações política, econômica e territorial.

Com a invasão de terras e a guerra entre o Brasil e o Paraguai, Mura (2005) ressalta que a partir dessa guerra, a colonização em massa se intensificou nas terras dos Guarani. No início de 1943, foi implantada a Colônia Agrícola Nacional de Dourados, na Grande Dourados MS.

Sobre isso, Brand (1998), ressalta que:

A chegada dos colonizadores na região abrangida pelo território Kaiowá/Guarani ocorre em momentos diferentes. Onde havia abundância de ervais, a Cia Matte Laranjeiras se instala já a partir de 1890. Vai atingir, especialmente, as regiões de Caarapó, Juti, Ramada, Amambai e Campanário. Mas, convém lembrar, que a Cia Matter Laranjeiras, nesta fase, não busca a propriedade da terra apenas a exploração de ervas. (BRAND, 1998, p. 29).

⁷ https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_%C3%91andeva#Popula.C3.A7.C3.A3o. Acesso em 09/02/2021.

Em um primeiro momento, o antigo governo de Mato Grosso consentiu a exploração às ervas mates no território indígena, isso ocasionou uma aproximação do homem branco com o índio. A relação era estritamente de negócios, pois os Guarani trabalhavam, inicialmente, com a carga de trabalho reduzida. Eles ofertavam a mão de obra, até o momento em que as aldeias foram equipadas com equipamentos modernos, como painéis, ferramentas de aço e etc. (MURA, 2005, p. 55).

No entanto, com o passar do tempo, as coisas foram se agravando. Quando a empresa Mate Laranjeira deixou de ter o domínio da região, começaram-se as ocupações do “homem branco” nas aldeias.

Mura (2005) aponta as mudanças que o contato com os “homens brancos” causou na terra, portanto:

Mudanças ecológicas radicais se processaram a partir da década de 1960 e, mais intensamente, de 1970. Desde dessa época, a maior parte das extensas matas da região foi sendo sistematicamente derrubada para dar lugar à implantação de fazendas; os índios foram, paulatinamente, sendo retirados, de modo compulsório, de seus lugares tradicionais, ocasionando forte densidade populacional nas reservas do SPI. (MURA, 2005, pp. 56-57).

Com as novas regras impostas pelos “brancos”, os Guarani do estado do Mato Grosso do Sul permanecem na reserva criada pelo SPI. Schallenberg e Santos (2014) observam que a terra, em si, é o que faz com que eles vivam e sejam felizes, pois, dentro das suas crenças, a terra se divide em divindades que possuem alma e vida, assim como qualquer ser humano.

A valorização da terra e das vidas que há nela, faz com que eles busquem novas terras, pois eles dependem muito da caça, da plantação, da lavoura e da pesca. Segundo os autores, a pesca é praticada por crianças e adolescentes, pois, de acordo com a crença dos Nhandewa, o peixe não sangra muito, pois o sangue, mesmo que seja do animal, pode trazer doenças, e, sendo assim, eles buscam manter o maior cuidado quanto a isso.

Como já dito acima, a terra, para os Nhandewa é uma entidade dotada de vida, de alma e sentimentos, e, nessa crença, eles buscam não danificar a terra, porque isso causaria um castigo para eles, pois poderiam irritar os deuses da terra.

Schallenberg e Santos (2014) ressaltam que a terra, para os Nhandewa, bem como a procura delas, não ocorre para acúmulo de riqueza. O dinheiro não compra as terras, pois uma alma não é vendida. A visão dos Guarani sobre o dinheiro é, nesse sentido, de sanar as suas necessidades básicas, sem buscar acúmulos como, por exemplo, uma poupança.

Mesmo os Nhandewa não podendo mais andar pelas terras, como faziam antes da colonização, eles não param de buscar a tão sonhada terra, para permanecer existindo. Schallenberg e Santos (2014) ainda ressaltam a maneira dos povos Guarani ao escolhem uma terra para ser demarcada:

Sempre que os Guarani podem escolher um local para ser demarcado como terra indígena e fazer aí suas aldeias, realizam antes visitas à área e, dentre outras coisas, analisam as condições ecológicas do espaço pretendido. A existência de matas, rios, montanhas é vista como essencial, pois impede que as doenças se aproximem dos Guarani e ajuda a expulsar todos os tipos de forças invasoras, dentre elas, as sociedades brancas. (SCHALLENBERG; SANTOS, 2014, p. 50-51).

A questão visada por eles para a demarcação de um território adequado, é a busca da essência dos seus ancestrais, para que possam permanecer existindo, mesmo dentro das limitações impostas pelos homens brancos. Para compreender essa necessidade de se sentir existente em suas terras, os autores aludem que:

A não existência de novas terras dificulta as caminhadas dos Nhandéva e, conseqüentemente, sua experiência no mundo. Os Guarani entendem que se um dia não puderem mais caminhar sobre a terra e tiverem que ficar confinados às áreas das pequenas aldeias, seguramente, morrerão. (SCHALLENBERG; SANTOS, 2014, p. 58).

Não se sabe ao certo se o papel do homem branco se encaixa em salvar a vida dos povos indígenas ou condená-las de vez, pois os Guarani já não podem voltar a andar em suas terras como outrora, pois nós, brancos, já construímos uma história, uma vida sobre ela, e eles têm noção sobre isso. Há séculos, muitos buscam um espaço, que é seu por direito, entretanto, não o conseguem por meios pacíficos.

É nesse contexto que ocorrem as guerras e conflitos marcados pela exigência do direito e da necessidade *versus* interesses econômicos. Toda a história e cultura dos Guarani tem um significado maior, pois as suas organizações e modo de viver, vêm da vida que provém da natureza.

Na atualidade, os Nhandewa da Reserva Indígena de Dourados (RID), expressam a sua arte em artefatos que vão além de um simples artesanato, sendo uma demonstração daquilo em que eles acreditam. “As artes, artefatos e objetos sagrados Nhandewa ultrapassam essa barreira, vão muito além de ser apenas um elo contemplativo e embelezamento, estão nas memórias,

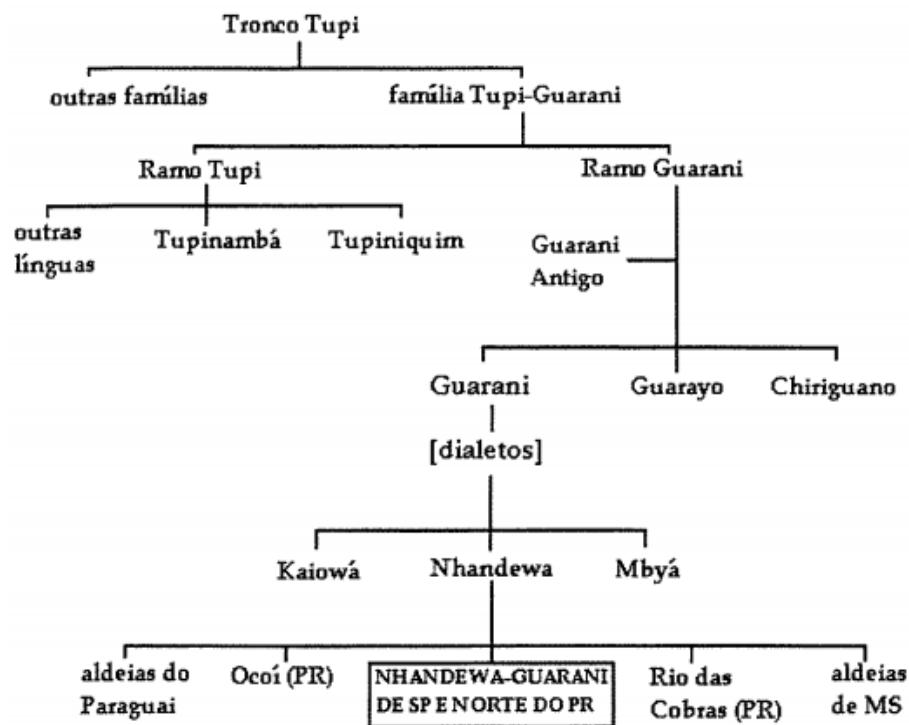
esperança, sonhos e cosmologia” (Ortiz, 2019, p.131). Portanto, a existência dos Nhandewa, transcende o existir de um povo.

1.4 Filiação da Variedade do Guarani Nhandewa

O Nhandewa é considerado uma variação da língua guarani, ao qual pertence ao subgrupo I da família Tupi-Guarani. Com base nisso, Rodrigues (1984/85), na Revista Antropológica, faz uma comparação analítica da língua Tupi-Guarani com os demais dialetos, declarando que as línguas Tupi-Guarani são um conjunto de línguas que descendem de uma língua ancestral que outrora fora o Proto-Tupi-Guarani.

Do mesmo modo ilustrativo e resumido, a pesquisadora Costa (2003) trabalha com a língua Guarani- Nhandewa do Sul, sendo que no quadro linguístico de sua dissertação, ela apresenta uma breve ramificação do Tronco tupi. Nesse quadro, podemos identificar na figura 1 que o Nhandewa é um dialeto da língua guarani:

Figura 1: Árvore Linguística/Tronco.



Fonte: Costa (2003).

Podemos compreender que a figura 1 apresentada acima, esboça um breve olhar sobre a origem e a evolução da língua, até chegar aos dialetos que são estudados na atualidade, permitindo-nos observar que a língua guarani é milenar, e que os dialetos falados atualmente descendem do Proto-Tupi-Guarani, em que todos os dialetos descendem diretamente de uma língua ancestral, entrando no subgrupo I da família Tupi-Guarani.

Aqui podemos ressaltar um ponto já mencionado anteriormente, que os estudos linguísticos são aplicados para a compreensão das línguas indígenas, desde os estudos primórdios até a atualidade, mostrando a importância da pesquisa e da documentação das línguas indígenas e que o tronco linguístico mostrado acima, nos dá um norte sobre a origem da variante Nhandewa.

1.5 Trabalhos sobre o Guarani Nhandewa

No tocante aos estudos que versam sobre o Guarani Nhandewa, vale mencionar Costa (2003), que trabalha a variante Nhandewa falada em São Paulo e no norte do Pará. Em seus relatos iniciais, ela brevemente justifica a sua escolha pela pesquisa, pois frequentava as aldeias com seu orientador, juntamente com alguns integrantes da comunidade indígena, os quais lhe pediram que pudesse ajudar na elaboração de materiais para ensinar a fala para os alunos.

Desse modo, ela se interessou pelo assunto, e, logo começou a sua pesquisa em 1998, sendo que, a partir desses estudos, Costa elaborou uma dissertação e uma tese, que atualmente são de suma importância para outros pesquisadores, uma vez que contém informações sobre o dialeto guarani-Nhandewa, pois os dialetos mais trabalhados são os Mbyá e Kaiowá.

A pesquisadora fez com que cada professor nativo elaborasse o alfabeto ao seu modo, com isso o interesse linguístico da pesquisadora foi crescendo, principalmente a cada visita a qual fazia a região. Ao inteirar a comunidade e a problemática da língua, ela começou a observar as variações/mudanças da fala, ao comparar o guarani antigo com o dialeto falado na região no decorrer da pesquisa.

Ao fazer o comparativo, ressalta que:

Dentre os tratamentos que tem sido dado à fonologia de dialetos guarani, muitos são relativamente falhos, principalmente, por dois motivos: os quadros fonológicos são ‘inchados’ por material fonético e apresentam lacunas quanto a elementos fonológicos relevantes, tratados como fonéticos. (COSTA, 2003, p. 47).

Portanto, dentro da pesquisa a qual ela aborda a variante do Nhandewa de São Paulo e Pará, traz uma perspectiva de enxugar o excesso fonético e preencher as lacunas fonológicas do Nhandewa, fazendo com que o estudo seja de grande ajuda para as pesquisas iniciais da variante, já que a utilização das ferramentas fonético-fonológico se mostraram relevantes em seus estudos, sendo que dentro da primeira pesquisa, ela nos apresenta dados dos fones consonantais e vocálicos, abordando um breve comportamento silábico e expondo a explicação de cada consonantais e vocálicas e toda a entonação da língua, fazendo comparações com o Tupi e o Guaraní, ou seja, ela demonstra a variação da língua de perto.

Já na sua tese, Costa (2007) faz uma abordagem mais aprofundada, em que, inicialmente traz a nasalização na língua Guaraní. Partindo disso, ela traz teóricos que outrora estudaram o assunto dentro do campo fonológico, principalmente para o campo gerativo. Ao fazer uma análise do assunto, ela traz os conceitos de nasalização para o campo da variante Nhandewa de São Paulo e Paraná, os quais ela fez uma sistematização em sua dissertação fonológica.

Contudo, os dados fonológicos são abordados dentro do contexto morfológico para a compreensão da nasalização no dialeto, fazendo análises comparativas do guarani antigo para o guarani moderno que é falado na região.

CAPÍTULO II - DESCRIÇÃO FONÉTICA DO NHANDewa

Nesse capítulo, apresentamos o inventário de fones consonantais da variedade Guarani Nhandewa falada no Mato Grosso do Sul (MS) em comparação aos dados coletados por Costa (2003) dos Nhandewa de São Paulo (SP) e Paraná (PR) com o intuito de mostrar diferenças que há entre as duas (sub)variedades Guarani.

2.1 Descrição e distribuição dos segmentos consonantais

Costa (2003, p. 46) nos apresenta um quadro de fones consonantais do Nhandewa de São Paulo e Pará, o qual possui o total de 27 (vinte e sete) fones.

Figura 2: Fones consonantais.

	Bilabial	Labio-dental	Dental/Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Plosiva surda	p		t		k	ʔ
Plosiva sonora					g	
Nasal	m	ɱ	n	ɲ	ŋ ⁷⁴	
Pré-nasalizada	mb̃		nd̃	nd̃ʒ	ŋg̃ ŋgw̃	
Tap			r			
Fricativa		v	s			
Africada surda			tʃ	tʃ̃		
Africada sonora				dʒ̃		
Labializada surda					kʷ	
Labializada sonora					gʷ	
Aproximante	w	ʋ		j	ɰ	

Fonte: Costa (2003, p. 46).

Podemos observar que os dados fonéticos coletados por Costa (2003), apresentam 5 plosivas, 5 nasais, 5 pré-nasalizada, 1 tepe, 2 fricativos, 3 africados, 2 labializadas e 4 aproximantes.

Já o quadro de fones consonantais da variante Nhandewa do Mato Grosso do Sul, é constituído de 24 (vinte e quatro) fones, sendo: 09 (nove) oclusivos, 05 (cinco) nasais e 04 (quatro) pré-nasalizados, 01 (um) tepe, 04 (quatro) fricativos, 01 (uma) africano e 01 (uma) aproximante.

Segue o lugar/ponto de articulação e vozeamento de cada fone no Quadro (1):

Quadro 1: FONES CONSONANTAIS DO NHANDEWA (MS)⁸.

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-Alveolar	Palatal	Velar	Velar labializado	Glotal
Oclusivo	p b		t d			k g	kw gw	ʔ
Nasal	m		n		ɲ	ŋ	ŋw	
Pré-nasalizado	mb		nd			ŋg	ŋgw	
Tepe			ɾ					
Fricativo		v	s	ʃ				h
Africano				dʒ				
Aproximante	w							

As diferenças entre os fones consonantais descritos para ambas as subvariedades do Nhandewa, podem ser observadas ao compararmos o quadro acima. Passemos a pontuar tais distinções: i) a ocorrência de oclusivas vozeadas [b] e [d] somente falada na variedade Guarani do MS⁹; ii) as africadas desvozeadas [ts] e [tʃ] não ocorrem na fala dos Nhandewa do Mato Grosso do Sul que utilizam o fone fricativo pós-alveolar [ʃ]; iii) a fricativa glotal [h] encontrada na variedade do MS, não é mais falada pelos Nhandewa do Pará e São Paulo, e iv) outro grupo de diferenças entre os segmentos consonantais das subvariedades Nhandewa é observada dentre as aproximantes, uma vez que [ç ɸ Σ] não foram atestadas no conjunto de dados transcritos da variedade falada no MS. Por fim, vale mencionar que, assim como no Nhandewa do Pará e São Paulo (cf. nota (74) de Costa (op. Cit), na variedade do Mato Grosso do Sul, o segmento [ŋ] só ocorre antes de oclusivas velares, quando essas são antecedidas de vogais nasais ou nasalizadas.

⁸ No Quadro (1) - Fones consonantais do Nhandewa-Guarani (MS) não estando inclusos os empréstimos sonoros da língua portuguesa do Brasil, como os fones laterais [l] e [ɭ] e os fricativos [f] e [ʒ], os quais são observados em nomes de pessoas e de localidades ou regiões que, necessariamente, figuram na fala dos Guarani.

⁹ A ocorrência de fones oclusivos vozeados também é atestada para a variedade Kaiowá-Guarani falada na mesma microrregião dos Nhandewa no MS (cf. CARDOSO, 2008).

Segue a descrição da distribuição contextual de cada fone consonantal da variedade Nhandewa falada no Mato Grosso do Sul. Neste subtópico, abordamos a distribuição dos fones consonantais do dialeto Nhandewa entre as oclusivas desvozeadas e vozeadas, as nasais, as pré-nasalizadas, tepe, fricativo, africado e aproximante, dentro do ambiente os quais elas ocorrem.

2.2 Segmentos oclusivos, Nasais, Pré-nasalados, Tepe, Fricativos, Africado e Aproximante.

Os fones oclusivos desvozeados realizam-se quanto ao ponto de articulação como bilabial [p], alveolar [t], velar [k], velar labializado [kw] e glotal [ʔ]. Ocorrem em ataque de sílaba, em posição inicial de palavra e em posição intervocálica, em ambiente vocálico oral e/ou nasal. Exceto o fone oclusivo glotal [ʔ] que ocorrem apenas em posição intervocálica, e o fone velar labializado, quando em posição intervocálica, ocorre entre vogais orais.

1. [p] oclusivo, bilabial e desvozeado

a.	[pa.ra.'kaw]	‘papagaio’	b.	[põ.'rã]	‘bom’
c.	[i.pe.'po]	‘pena’	d.	[ha'po]	‘raiz’

2. [t] oclusivo, alveolar e desvozeado

a.	[i'ta]	‘pedra’	b.	[ta.'ta]	Fogo
c.	[to'gwi]	‘sangue’	d.	[tĩ]	‘nariz’

3. [k] oclusivo, velar e desvozeado

a.	[ka'ʔi]	‘entendimento’	b.	[ka.pi.'ʔi]	‘capim’
c.	[akã'dʒire]	‘cabeça’	d.	[ki]	‘piolho’

4. [kw] oclusivo, velar labializado e desvozeado¹⁰

a.	[kwa'a]	‘saber’	b.	[kwa.'ra.hi]	‘sol’
c.	[ko.'kwɛ]	‘roça’	d.	[kwɛ.ra]	‘plural’

5. [ʔ] oclusivo, glotal e desvozeado

a.	[ha'ʔɛ]	‘ele’	b.	[so'ʔo]	‘carne’
c.	[hu.pi'ʔa]	‘ovo’	d.	[ki.'ʔa]	‘sujo’

¹⁰ Vale ressaltar que as sequências de segmentos consonantais: [kw], [ŋg], [ŋgw] [dʒ], [gw], [mb] e [nd] são aqui tratadas como segmentos unitários, uma vez que não há, neste dialeto, grupos consonantais propriamente ditos.

Os fones oclusivos vozeados realizam-se quanto ao lugar de articulação como bilabial [b], alveolar [d], velar [g] e velar labializado [gw]. Ocorrem em ataque silábico precedendo vogais orais, em posição inicial de palavra. Exceto os fones oclusivos velares [g] e [gw] que ocorrem, também, em posição intervocálica oral.

6. [b] oclusivo, bilabial e vozeado

a.	[bo.re.'vi]	‘anta’	b.	[bi.ki.'va]	‘curto’
c.	[‘boj]	‘cobra’	d.	[ba.ra.ka.'dʒa]	‘gato’

7. [d] oclusivo, alveolar e vozeado

a.	[de.pi.'rɛ]	‘teu peixe’	b.	[do.he.'ʃai]	‘ele não vê’
c.	[da.ha.'ʔej]	‘não é’	d.	[de.'sa]	‘teu olho’

8. [g] oclusivo, velar e desvozeado

a.	[gu.ra.'pa]	‘seu pai’	b.	[i.ga]	‘canoa’
c.	[o.ga.'ʔu]	‘desejo’	d.	[o'ga]	‘casa’

9. [gw] oclusivo, velar labializado e vozeado

a.	[gwi.'ra]	‘pássaro/ave’	b.	[ho.'gwe]	‘folha’
c.	[i.gwa.'su]	‘mar’	d.	[hu.'gwa]	‘rabo’

Os fones nasais ocorrem nos respectivos lugares de articulação: bilabial [m], alveolar [n], palatal [ɲ], velar [ŋ] e velar labializado [ɲw]. São realizadas em ataques silábicos, em posição inicial de palavra e em posição intervocálica, excetuando-se o fone velar labializado [ɲw] que, em nossos dados, ocorre apenas em posição intervocálica e em ambiente nasal ou nasalizado.

10. [m] nasal bilabial vozeado

a.	[õ.mẽ.'ʔẽ]	‘ela/ele dá’	b.	[he.tĩ.'mã]	‘perna’
c.	[mĩ.'mba]	‘bicho’	d.	[‘kã.mĩ]	‘bebida’

11. [n] nasal alveolar vozeado

a.	[nã.'hã.nẽ.rĩ]	‘não’	b.	[ʃĩ.rĩ.'nõ]	‘beija-flor’
c.	[tẽ.nĩ'mĩ.'ʔa]	‘joelho’	d.	[nẽ.nã.'mbi]	‘tua orelha’

12. [ɲ] nasal palatal vozeado

a.	[ᵑ ũ]	‘campo’	b.	[ᵑã. 'ndi]	‘gordura’
c.	[ᵑã. 'ndu]	‘aranha’	d.	[kũ. ᵑ ã]	‘mulher’

13. [ŋw] nasal, velar labializado e vozeado

a.	[ã. ŋw ã. 'hẽ]	‘chego’	b.	[o.he.ku. ' ŋw ĩ]	‘coça’
----	-----------------------	---------	----	--------------------------	--------

Os fones pré-nasalizados vozeados ocorrem, respectivamente, no lugar de articulação bilabial [mb], alveolar [nd], pós-alveolar e velar [ŋg] e velar labializada [ŋgw]. Ocorrem por estarem entre as vogais orais e nasais, ocorrendo sempre em ataque silábico.

14. [mb] pré-nasalizado, bilabial e vozeado

a.	[nã. ' mb i]	‘orelha’	b.	[mĩ. ' mb a]	‘bicho’
c.	[tu.kũ. ' mb ɔ]	‘corda’	d.	[mb a.ra.ka. 'dʒa]	‘gato’

15. [nd] pré-nasalizado, alveolar e vozeado

a.	[mã. nd i. 'ʔɔ]	‘mandioca’	b.	[nde .pi. 'ra]	‘teu peixe’
c.	[ᵑã. ' nd u]	‘aranha’	d.	[tẽ. nd i. 'ri]	‘saliva’

16. [ŋg] pré-nasalizado, velar e vozeado

a.	[tũ. ŋgu . 'su]	‘pulga’	b.	[mã.rã. nga . 'tu]	‘santo’
----	------------------------	---------	----	---------------------------	---------

17. [ŋgw] pré-nasalizado, velar labializado e vozeado

a.	[a.kã.rã. ' ŋgw ɛ]	‘cabelo’	b.	[õ. ŋgwa . 'hɛ]	‘chega’
c.	[kã. ' ŋgw ɛ]	‘osso’	d.	[pɛ.tĩ. ' ŋgwa]	‘fumo’

O tepe alveolar vozeado [r] é realizado em ataque silábico e em posição intervocálica, entre vogais orais ou nasais (em ambiente nasal, o tepe também pode ser nasalizado [r̃]¹¹).

18. [r] tepe alveolar vozeado

a.	[pi. 'ra]	‘peixe’	b.	[ri.gwa. 'su]	‘galinha’
c.	[ʃĩ.rĩ. 'nõ]	‘beija-flor’	d.	[ki' ra]	‘gordura’

Os fones fricativos desvozeados ocorrem nos lugares de articulação: alveolar [s], pós-alveolar [ʃ], glotal [h]. São realizados em ataque silábico, em posição inicial de palavra e em posição intervocálica, em ambiente vocálico oral e/ou nasal.

¹¹ O tepe nasalizado, de acordo com Leite (1985), é uma característica que ocorre no tapirapé, sendo que no momento da alfabetização, foi percebido que na fala é apresentada essa nasalização (espalhamento nasal) acontece na mudança de ambientes entre os fonemas /t/ e /r/ ao qual são acompanhadas por vogais nasais.

19. [s] fricativa alveolar desvozeado

a.	[so.'ʔo]	‘carne’	b.	[dʒa.'si]	‘lua’
c.	[se.vo.'ʔi]	‘minhoca’	d.	[i.'sã]	‘liso’

20. [ʃ] fricativo pós-alveolar desvozeado

a.	[ʃe.ro.'ko.ve]	‘coração’	b.	[ʃũ.'mbɛ]	‘fita feita a mão’
c.	[ha.'ʃa]	‘machado’	d.	[ʃe]	‘eu’

21. [h] fricativo glotal desvozeado

a.	[ha.'ʔe]	‘ele/ela’	b.	[pi.ha.'rɛ]	‘noite’
c.	[ʔhoi]	‘arco’	d.	[kwa.ra.'hi]	‘sol’

O fone fricativo labiodental vozeado [v] realiza-se em ataque silábico, em posição inicial de palavra e em posição intervocálica, em ambiente vocálico oral e/ou nasal.

22. [v] fricativo labiodental vozeado

a.	[ʃe.ro.'ko.ve]	‘coração’	b.	[se.vo.'ʔi]	‘minhoca’
c.	[ʔvai]	‘mal’	d.	[ho.'vũ]	‘verde’

O fone africado pós-alveolar vozeado [dʒ] ocorre em ataque de sílaba, em posição inicial de palavra e em posição intervocálica, entre vogais orais.

23. [dʒ] africado pós-alveolar vozeado

a.	[dʒa.'gwa]	‘cachorro’	b.	[ba.ra.ka.'dʒa]	‘gato’
c.	[dʒa.gwa.'ra.te]	‘onça’	d.	[a.dʒu.'ra]	‘pescoço’

O fone aproximante bilabial vozeado e [w] ocorre em ataque silábico, em início de palavra e em posição intervocálica, seguido por vogais orais ou nasais.

24. [w] aproximante bilabial vozeado

a.	[ʔwai]	‘ruim, mal’	b.	[a.wa.'ti]	‘milho’
c.	[ka.pi.ʔi.'wa]	‘capivara’	d.	[ho.'wũ]	‘verde’

2.3 Descrição dos segmentos vocálicos

Na descrição de Costa (2003, p.45) ela nos apresenta os seguintes fones vocálicos do Nhandewa de São Paulo e Pará, totalizando em 20 fones: 10 orais e 10 nasais.

Figura 3: Fones vocálicos.

Orais				Nasais			
i	ĩ	ɰ	u	ĩ	ĩ̃	ɰ̃	ũ
e	ẽ		o	ẽ	ẽ̃		õ
ɛ		ɔ		ẽ			õ
	a				ã		

Fonte: Costa (2003, p. 45).

O quadro de segmentos vocálicos (vocóides) do dialeto Nhandewa é constituído de 20 (vinte) fones: 10 (dez) orais e 10 (dez) nasais, como exposto no quadro 2.

Quadro 2: FONES VOCÁLICOS DO NHANDEWA (MS).

	VOGAIS ORAIS			VOGAIS NASAIS		
	Anterior	Central	Posterior	Anterior	Central	Posterior
Alto	i ĩ	ĩ	u ɰ	ĩ ĩ̃	ĩ̃	ũ ɰ̃
Médio-alto	ɛ		ɔ	ẽ		õ
Médio-baixo	e		o	ẽ̃		õ̃
Baixo		a			ã	

2.4 Distribuição dos fones vocálicos. Vogais orais: Altos, Médios-altos, Médios-baixos, Baixo, Médios-baixos

Neste subtópico, abordamos a distribuição dos fones vocálicos orais e nasais da variedade Guarani Nhandewa do Mato Grosso do Sul, dentro do ambiente nos quais ocorrem.

Os fones vocálicos altos e orais [i], [ĩ], [ĩ], [u] e [ɰ] realizam-se respectivamente quando à anterioridade/posterioridade da língua como anterior, central e posterior, sendo o segmento posterior [u] o único arredondado. As vogais altas ocorrem em núcleo silábico em posição inicial, medial e final de palavra, com exceção dos fones assilábicos [ĩ] e [ɰ̃], e ocorrem sempre

seguindo vogais orais, em posição medial ou final de palavra, conforme dados em (26e e 26f) para [i] e dados em (28e 28f) para o fone [u].

25. [i] alto, anterior e não-arredondado

a.	[i.sãĩ]	‘liso’	b.	[nã.'mbi]	‘orelha’
c.	[i.rũ.nde]	‘quatro’	d.	[mã.ndi.'ʔɔ]	‘mandioca’
e.	[oĩ.su.'ʔu]	‘morde’	f.	[ɔ.kai]	‘queimar’

26. [i] alto, central e não-arredondado

a.	[i]	Água	c.	[i.pi.ta.'rɛ]	‘rio’
b.	[pi.'tja]	‘peito’	d.	[dʒu.'pi]	‘sal’

27. [u] alto, posterior e arredondado

a.	[u.pɛ.va.'ʔɛ]	‘isso, disso’	b.	[ri.gwa.'su]	‘galinha’
c.	[i.pu.'ku]	‘comprido’	d.	[ru.'ru]	‘inchado’
e.	[pa.ra.'kau]	‘papagaio’	f.	[mo.'mbeu]	‘espécie de nambu’

Os fones vocálicos médios-altos e orais [e] e [o] realizam-se respectivamente quando à anterioridade/posterioridade da língua como anterior e posterior, sendo o segmento posterior [o] arredondado. As vogais médias-altas ocorrem em núcleo silábico em posição inicial, medial e final de palavra.

28. [e] médio-alto, anterior e não-arredondado

a.	[e.re.'ke]	‘dorme!’	b.	[he.'ta]	‘muito’
b.	[ha.'ʔe]	‘ele/ela’	d.	[e.gwa.'pi]	‘sentar’

29. [o] médio-alto, posterior e arredondado

a.	[o.ga]	‘casa’	b.	[po]	‘mão’
c.	[i.vo.t]	‘flor’	d.	[to.'gwi]	‘sangue’

Os fones vocálicos médios-baixos e orais [ɛ] e [ɔ] realizam-se respectivamente quanto à anterioridade/posterioridade da língua como anterior e posterior. As vogais médias-baixas ocorrem em núcleo silábico em posição inicial, medial e final de palavra.

30. [ɛ] médio-baixo, anterior e não-arredondado

a.	[ɛ.'tɛ.rɛi]	‘muitos’	b.	[ta.'pɛ]	‘caminho’
c.	[i.pi.'rɛ]	‘casca’	d.	[pɛ.'tɪ]	‘fumo’

31. [ɔ] médio-alto, posterior e arredondado

a.	[kɔ.'kwɛ]	‘roça’	b.	[ɔ.ki]	‘chover’
c.	[ɔ.'ke]	‘ele dorme’	d.	[tĩ.mbɔ]	‘fumaça’

O fone vocálico baixo e oral [a] realiza-se quando à anterioridade/posterioridade da língua como central e com os lábios estendidos. A vogal baixa ocorre em núcleo silábico em posição inicial, medial e final de palavra.

32. [a] baixo, central e não-arredondado

a.	[a.'ha]	‘vou’	b.	[a.dʒu.'ra]	‘pescoço’
c.	[pa.ra.'kaw]	‘papagaio’	d.	[kwa.'a]	‘saber’

2.5 Vogais orais – Nasais, Altos, Médios-altos, Baixo.

Os fones vocálicos altos e nasais [i̯], [ĩ], [i̥], [u̯] e [u̥] realizam-se respectivamente quando à anterioridade/posterioridade da língua como anterior, central e posterior, sendo o segmento posterior [u] o único arredondado. As vogais altas ocorrem em núcleo silábico em posição inicial, medial e final de palavra, com exceção dos fones assilábicos e nasalizados [i̯] e [u̯] e ocorrem sempre seguindo vogais nasais, em posição medial ou final de palavra, conforme dados em (34c e 34d) para [i̯] e dados em (36e 36d) para o fone [u̯].

33. [ĩ] alto, anterior, não-arredondado e nasal

a.	[ĩ.'tĩ]	‘seu nariz’	b.	[mĩ.'jĩ]	‘pequeno’
c.	[ĩ.'sãĩ]	‘liso’	d.		

34. [i̯] alto, central, não-arredondado e nasal

a.	[i̯.'tĩ]	‘ser/ter’	b.	[pɛ.'tĩ]	‘fumo’
c.	[i.vo.'tĩ]	‘flor’	d.	[tũ.'ʔãĩ]	‘pacu’

35. [ũ] alto, posterior, arredondado e nasal

a.	[i̯.'tũ] ~ [hũ]	‘preto’	b.	[i.rũ.'ndĩ]	‘quatro’
c.	[kũ]	‘língua’	d.	[ho.'vũ]	‘semente’
e.	[tũ.'ʔãĩ]	‘pacu’	f.		

Os fones vocálicos médios-altos e nasais [ẽ] e [õ] realizam-se respectivamente quando à anterioridade/posterioridade da língua como anterior e posterior. As vogais médias-altas nasais ocorrem em núcleo silábico em posição inicial, medial e final de palavra.

40. [ẽ] médio-alto, anterior, não-arredondado e nasal

a.	[tẽ.ri.'rĩ]	‘saliva’	b.	[nã.'hã.nẽ.rĩ]	‘não’
b.	[hẽ.'ʔẽ]	‘doce’	d.		

41. [õ] médio-alto, posterior, arredondado e nasal

a.	[‘õ.sẽ]	‘saiu’	b.	[hõ.ĩ.'sã]	‘gelado’
c.	[õ.mbu.'kwa]	‘furar’	d.		

Os fones vocálicos médios baixos nasais [ẽ̃], e [õ̃] realizam-se respectivamente quando à anterioridade/posterioridade da língua como anterior e posterior, sendo o segmento posterior [õ̃] arredondado. As vogais médias baixas ocorrem em núcleo silábico em posição medial e final de palavra.

42. [ẽ̃] médio-baixo, anterior, não-arredondado e nasal

a.	[hã.'sẽ̃]	‘choro’		b.	[‘õ̃.sẽ̃]	‘saiu’
c.	[pã.'ʔẽ̃]	‘prato, bacia’				

43. [õ̃] médio-baixo, posterior, arredondado e nasal

a.	[õ̃.pẽ̃.'ʔẽ̃]	‘(ele/a) fala’		b.	[põ̃.'rã̃]	‘bom’
c.	[õ̃.'kẽ̃.mã̃]	‘já dorme’				

O fone vocálico baixo nasal [ã] realiza-se quando à anterioridade/posterioridade da língua como central e com os lábios estendidos. A vogal baixa ocorre em núcleo silábico em posição inicial, medial e final de palavra.

44. [ã] baixa, central, não-arredondado nasal

a.	[ã.nda.'ʔi]	‘abóbora’	b.	[põ̃.'rã̃]	‘bom’
c.	[ã̃.mbye]	‘outro’	d.	[kã̃.'ŋgwɛ]	‘osso’

A descrição fonética do Nhandewa falado no MS, ao se comparar com a descrição de Costa (2003) para a variedade falada no Pará e São Paulo, apresenta diferenças, começando pelas oclusivas, sendo que a principal diferença entre as variantes nas oclusivas, dá-se pela

ocorrência das oclusivas vozeadas [b] e [d] na variante do Mato grosso do Sul. A segunda diferença pode ser percebida nas nasais, em que o fone nasal labiodental [ɱ] ocorre somente na variante de São Paulo/Pará enquanto a nasal velar labializada [ɳw] ocorre somente na variante do Mato Grosso do Sul. A terceira diferença encontra-se nas pré-nasalizadas, em que o fone pré-nasalizado palatal [ndʒ], não ocorre na variante do Mato Grosso do Sul.

A variante do Nhandewa do Mato Grosso do Sul apresenta os fricativos pós-velar [ʃ] e glotal [h]. Uma observação sobre Nhandewa de SP, é que a fricativa glotal [h] sumiu da fonologia, pois de acordo com a Costa (2003, p.53), “o /h/ ficou sem lugar no sistema fonológico do Nhandewa, uma vez que não é soante, embora ele fosse a contraparte da oclusiva glotal.”

Outros fones que não aparecem no Nhandewa do MS são as africadas surdas [ts] e [tʃ], assim como as aproximantes, os quais em SP são apresentados a aproximante labiodental [ʋ], palatal [j] e velar [ɰ].

Nos quadros vocálicos, nota-se diferenças, também, nas orais e o Nhandewa de SP apresenta vogal posterior alta não arredondada oral e nasal [ɯ] e [ũ], assim como a vogal anterior baixa nasal e oral [ɐ] e [ẽ].

Neste capítulo mostramos o inventário fonético da variante Nhandewa do MS. Com esses dados comparativos em relação à variante de SP/PR, seguiremos para o próximo capítulo para condensar esses fones através da análise fonêmica dos dados, ao qual apresentaremos os quadros fonêmicos comparados com os fonemas estudados por Costa (2003).

CAPÍTULO III - ANÁLISE FONÊMICA

Neste capítulo faremos a análise dos dados fonéticos transcritos, partindo dos princípios de Pike (1947) sobre a fonêmica, apoiado no material de Kindel (1981) para a elaboração da análise.

3.1 Sistematização fonologia Nhandewa: uma análise fonêmica

Levando em conta os pares e conjunto de sons foneticamente semelhantes (SFS) identificados junto ao inventário fonético consonantal e vocálico do nhandewa falado no MS, buscamos analisá-los por meio de contraste em ambiente idêntico e/ou análogo, com distinção de significado, ou ainda, variação alofônica, resultando nos quadros fonológicos (3) e (4):

Quadro 3: FONEMAS CONSONANTAIS – NHANDEWA (MS).

	Bilabial	Lábio-dental	Alveolar	Palatal	Velar /Labializada	Glotal
Oclusiva	p		t		k kw	ʔ
Nasal	m		n	ɲ	ŋ ɲw	
Fricativa		v	s ʃ			h
Tepe			r			

Por ora, buscamos assinalar alguns pontos em que há diferenças entre a presente proposta de sistematização do inventário fonológico consonantal e vocálico do Nhandewa do MS e o Nhandewa do PR e SP, proposta por Costa (2003).

Figura 4: Fonemas consonantais.

Obstruinte	p	t	ts	tʃ	k	kw	ʔ
Soante	mb	nd	r	j	ɰ	w	

Fonte: Costa (2003, p.53)

Ao observar os quadros, podemos ressaltar que a variante Nhandewa do SP e PR possui no total, 13 fonemas. Diante disso, destacamos que a grande diferença existente entre os Nhandewas do MS com os de SP e PR, dão-se por meio da utilização do fricativo /h/, africana

/s/ e /ʃ/. Outro ponto que difere, são as pré-nasalizadas que, neste trabalho, consideramos os fones [mb], [nd] e as demais pré-nasalizadas como alofones, diferindo dos Nhandewas estudado por Costa (2003).

Podemos destacar, ainda, a ocorrência do fonema /h/, na variedade do Nhandewa do MS, o qual é frequente e se difere do Nhandewa de SP e PR. Costa (2003, p.53), aponta que a afirmação da ausência do fonema /h/ é um traço que ocorre na maioria das variedades do Guarani no Brasil. Diante disso, “[...] observamos que o dialeto Nhandewa em estudo eliminou o fonema /h/ completamente e a ocorrência de /s/ que havia permanecido em algumas formas cristalizadas do ramo Tupi, são realizadas como africada /tʃ/, no Nhandewa” (Costa, 2003, p. 60).

Ainda sobre essa discussão, há três fonemas que existem no Nhandewa do Mato Grosso do Sul, não presentes no Nhandewa estudado por Costa (2003), quais sejam: o /h/, /s/ e /ʃ/. Diante desse pressuposto, o estudo de Ivo (2018) apresenta uma comparação fonética dos Guarani do Brasil. Nesse trabalho comparativo das variedades Guarani meridional, o pesquisador infere que observemos “que a fricativa glotal não vozeada /h/ é produzida no Kaiowá e Nhandewa em ambientes nos quais no Mbyá e o Nhandewa a transformaram, ou em lugares onde produzem a glotal /ʔ/” (Ivo, 2018, p. 199).

Quadro 4: FONEMAS VOCÁLICOS – NHANDEWA (MS).

	VOGAIS ORAIS			VOGAIS NASAIS		
	Não-arredondado		Arredondado	Não-arredondado		Arredondado
	Anterior	Central	Posterior	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	ɨ	u	ĩ	ĩ	ũ
Média Alta	e		o	ẽ		o~
Baixa		a			ã	

Diante do que foi exposto na discussão acima, podemos inferir que há diferenças na análise fonêmica vocálica da variante de SP e PR para o Nhandewa do MS. Abordaremos mais acerca disso adiante.

Figura 5: Fones consonantais.

Orais			Nasais		
ĩ	î	u	ĩ̃	ĩ̃	ũ̃
ɛ	a	o	ẽ̃	ã̃	õ̃

Fonte: Costa (2003, p.45).

As principais diferenças estão no fonema /ẽ/, pois é apenas uma variante do fonema /e/ na variante do Nhandewa do MS, assim como o fonema /õ/ que se mostra ser apenas uma variante no MS, sendo que em SP e PR são fonemas.

Assim, segue a sistematização fonológica proposta neste trabalho para a variedade Guarani Nhandewa falada no MS. Para tanto, buscamos os sons foneticamente semelhantes SFS. Nesse caso, voltamo-nos aos dados da coleta com a finalidade de encontrar os pares mínimos que resultam em uma única unidade distintiva, e trazer os pares análogos para que possamos destrinchar os dados coletados. Para isto, dividimos em três partes a análise, como apresentado por Pike (1947): em pares mínimos e par análogo.

3.2 Fonemas consonantais - Oclusivas /p t k kw ʔ/ E Nasais /m n ɲ ŋw/

Os fonemas oclusivos desvozeadas /p t k kw ʔ/ são diferenciados entre si pelo lugar de articulação /p/ bilabial, /t/ alveolar, /k/ velar, /kw/ velar labializada e /ʔ/ glotal. Tal oposição por lugar de articulação mostra-se distintiva, vejamos abaixo:

/p/ : /t/

[pa.'pa] – contar	/pa.'pa/
[ta.'ta] – fogo	/ta.'ta/

/t/ : /k/

['tĩ] – nariz	/'tĩ/
['kĩ] – piolho	/'kĩ/

/k/ : /ʔ/

2)

- | | | | |
|----|-------------|--------------------------------|------------|
| a. | /õ.mu.'kwa/ | [õ.mbu.'kwa] | ‘furar’ |
| b. | /ma.ra.'kã/ | [mba.ra.'kã] ~
[ba.ɾ a.'kã] | ‘chocalho’ |

[**m**] ocorre nos demais ambientes;

Ambiente: (nda)

3)

- | | | | |
|----|-------------|--------------|------------|
| a. | /mã.ni.'ʔo/ | [mã.ndi.'ʔo] | ‘mandioca’ |
| b. | /o.mo.'kõ/ | [õ.mõ.'kõ] | ‘engolir’ |

Os fones [b], [mb] e [m] estão em distribuição complementar condicionada pelo contexto.

O conjunto de SFS: [d] e [nd] e [n] estão em distribuição complementar. Os ambientes de ocorrência são os seguintes:

[**d**] ocorre em posição inicial de palavra seguido de vogal oral;

Ambiente #____V

4)

- | | | | |
|----|--------------|---------------------------------|-------------|
| a. | /na.ha.'ʔei/ | [da.ha.'ʔeᵢ] ~
[nda.ha.'ʔeᵢ] | ‘não é’ |
| b. | /ne.pi.'re/ | [de.pi.'re] ~[nde.pi.re] | ‘seu peixe’ |

[**nd**] ocorre antecedido por vogal nasal e, também, ocorre em posição inicial de palavra seguido de vogal oral. Assim, o fone pré-nasalizado alveolar [nd] está em variação livre com o fone oclusivo alveolar [d] (cf. dados acima), nos termos de Pike (1947).

Ambiente: $\tilde{V}$ ____V

5)

- | | | | |
|----|-------------|--------------|--------------|
| a. | /ã.'ni/ | [ã.'ndi] | ‘esparramar’ |
| b. | /ma.ni.'ʔo/ | [mã.ndi.'ʔo] | ‘mandioca’ |

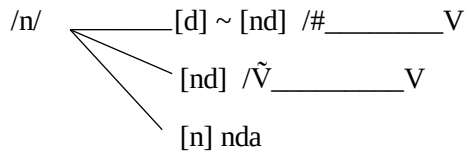
[**n**] ocorre nos demais ambientes;

Ambiente: (nda)

6)

- a. /na.ha.ne.'ri/ [na.ha.ne.'ri] 'não'
- b. /nã.bi/ [nã.'mbi] 'orelha'

Segue o arranjo para o fonema nasal alveolar /n/:



Os fones [d], [nd] e [n] estão em distribuição complementar condicionados pelo ambiente em que ocorrem. Do mesmo modo que [b] [mb] e [m] são alofones do fonema nasal /m/, os fones [d], [nd] e [n] são alofones do fonema nasal /n/.

Para o Nhandewa falado em SP e PR, Costa (2003) identifica como fonemas as consoantes pré-nasalizadas /mb/ e /nd/. Desse modo, os fones [m] e [n] são tidos como realizações desses fonemas /mb/ e /nd/ em ambiente nasal. Acerca disso, autora explica que:

A eleição de /mb/ e /nd/ - e não de [m] e [n] – como fonemas é mais produtiva para nossa análise, por derivar realizações [m] e [n] de /mb/ e /nd/, por espalhamento de nasal. (COSTA, 2003:88)

Vimos acima a distribuição complementar do fonema /n/, o qual entra em campo análogo com o fone /ɲ/. Diante do exposto, sabemos que os alofones de /n/ são os fones [d] e [nd]. Veremos abaixo a distribuição do fone /ɲ/.

/n/ : /ɲ/

[da-...-i]	/na-...-i/	'morfema descontínuo de negação'
[dZa-]	/ɲa-/	'prefixo de 1ª plural inclusiva'

/ɲ/

[dʒa] Ambiente: V____V

7)

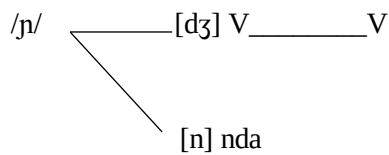
- a. /ɲu.'ru/ [dʒu.ru] 'boca'
- b. /ɲi.'re/ [ni.'re] 'redondo'

/ɲ/ ocorre nos demais ambientes;

Ambiente: V_____Ṽ

8)

a. /a.'põ/ [a.põ] 'sozinho'



O fone [dʒ] ocorre somente com as vogais orais, enquanto /ʒ/ acontece dos demais ambientes, principalmente no ambiente com vogais nasais. Portanto os conjuntos de SFS [d], [nd], [n] e [dʒ], [ɲ] são foneticamente semelhantes e contrastam em ambiente análogo, onde se opõe os fonemas /n/ e /ɲ/;

/ɲ/ : /ŋ/

[a.'ŋũ] – não faça	/a.ŋũ/
[ã.'ɲõ] – sozinho	/ã.ɲõ/

/ŋ/ : /ŋw/

[ŋõ. 'kẽ] – porta	/ŋõ. 'kẽ/
[ŋgwa. 'hẽ] - chegar	/ŋwa. 'hẽ/

Os segmentos foneticamente semelhantes [ɲ] e [dʒ] ocorrem em ambiente análogo nos dados abaixo:

['nũ] – campo	/ˈnũ/
['dʒu] – agulha	/ˈɲu/

Os fones velares vozeados [ŋg] e [g], encontram-se em distribuição complementar. Vejamos os ambientes em que ocorrem:

[ŋ] ocorre entre vogais, uma nasal e outra oral, em posição medial de palavra;

Ambiente: $\tilde{V}$ V

[tũ.ŋgu.'su] – pulga	/tũ.ŋu.'su/
[no.mõ.ŋge.'ta] – conversar	/no.mõ.ŋe.'ta/

[g] entre vogais orais e em início de palavra;

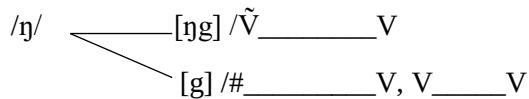
Ambiente: #__V

[gu.ra.'pa] – flecha	/ŋu.ra.'pa/
[ga.'ʔu] – desejo	/ga.'ʔu/

Ambiente: V__V

[i.ga] – canoa	/i.'ŋa/
[o.ga] – casa	/o.'ŋa/

Segue o arranjo para o fonema nasal velar /ŋ/:



Interpretamos os fones [ŋg] e [g] como alofones do fonema /ŋ/, por ser mais simétrico.

Uma outra interpretação do fonema /ŋ/ é dita por Pereira (2011) como:

O comportamento de /ŋ/ em relação as demais nasais é um comportamento assimétrico enquanto as nasais /m/ e /n/ são os fones que ocorrem em maior número de ambiente em relação as suas homorgânicas oclusivas [b. d], /ŋ/ apresenta-se ocorrendo em menor número de ambiente que a sua homorgânica oclusiva [g]. (PEREIRA, 2011, p.244)

Os fones velares labializados [gw], [ŋgw] e [ŋw], encontram-se em distribuição complementar. Vejamos os ambientes em que ocorrem:

[ŋgw] ocorre entre vogais, uma nasal e outra oral, em posição medial de palavra:

Ambiente: Ñ__V

[a.kã.rã.'ŋgwɛ] – cabelo	/a.kã.rã.'ŋwe/
[kã.'ŋgwɛ] – osso	/kã.'ŋwe/

[**nw**] ocorre entre vogais nasais ou nasalizadas, em posição medial de palavra:

Ambiente: $\tilde{V}$ __ $\tilde{V}$

[ã.ŋwã.'hẽ] - chegar	/ a.ŋwa.'he/
[o.he.ku.' ŋwĩ] - coçar	/ o.he.ku.'ŋwĩ/

[**gw**] entre vogais orais e posição em inicial e medial de palavra:

Ambiente: #__V

[gwi .'ra] – pássaro	/ŋwi.'ra/
[gui.kwe] -	/ ŋwi.kwe/

Ambiente: V__V

[i. gwa .'su] – mar	/ i.ŋwa.'su/
[ho.' gwe] – folha	/ ho.'ŋwe/

Interpretamos os alofones [gw] [ŋgw] e [ŋw] como variantes contextuais do fonema nasal /ŋw/. A simetria é considerada também na análise desse grupo de alofones velares e, assim, mantem-se a oposição entre oclusivas desvozeadas /p/, /t/, /k/ /kw/ e nasais vozeadas /m/, /n/, /ŋ/ /ŋw/.

Os fones oclusivos [k], [g] e labializados [kw] e [gw] apresentam-se em ambiente análogo, como se pode ver no exemplo abaixo, representados pelos fonemas /k/ e /ŋ/ e /kw/ e /ŋw/, respectivamente:

/k/ : /ŋ/

[ka'ʔi] – macaco	/ka.'ʔi/
[ga.'ʔu] – desejo	/ŋu.'ʔu/

/kw/ : /ŋw/

[kwe'.ra] – plural/cura	/kwe.'ra/
[gwi.ra] – pássaro	/ŋwi.'ra/

3.3 Fricativas /v s ʃ h/ - Tepe /r/

Os segmentos fricativos desvozeados /s ʃ h/ e o vozeado /v/ são diferenciados entre si pelo lugar de articulação /v/ labiodental, /s/ alveolar, / ʃ / alveopalatal, /h/ glotal. Tal oposição por lugar de articulação, mostra-se distintiva nos seguintes pares mínimos e/ou análogos:

/v/: /s/

['si] – mãe	/'si/
[-vi] – sufixo atenuador	/'vi/

/s/: / ʃ /

[ha.'sa] – passar	/ha.'sa/
[ha.'ʃa] – machado	/ha.'ʃa/

/ ʃ /: /h/

['ʃe] – eu	/'ʃe/
['he] – saboroso	/'he/

O fone [w] apresenta como variação livre com o fonema [v] dados:

[a.va.'ti] ~[a.wa.'ti] -milho	/a.va.'ti/
[i.'va] ~[i.'wa] – fruta	/i.'va/

Tal variação ocorre entre falantes e parece ser condicionada por fatores sociolinguísticos, tais como: faixa etária, contato dialetal, bilinguismo e talvez grau de escolaridade. Aliás, estes aspectos sociolinguísticos poderão ser objeto de novas pesquisas junto à comunidade indígena Nhandewa Guarani do Mato Grosso do Sul.

No caso da Tepe, o fonema /r / ocorre em ambiente idêntico, opondo-se ao fonema fricativo glotal /h/, bem como com o fonema oclusivo glotal /ʔ/.

[ki.'ha] – rede	/ki.'ha/
[ki.'ra] – gordura	/ki.'ra/
[ki.ʔa] – sujo	/ki.'ʔa/

Como pudemos observar acima, os fonemas oclusivos /p/, /t/, /k/, /kw/, /ʔ/, assim como os fonemas fricativos /s/, /ʃ/, /h/, e o tepe /ɾ/. Apresentam pares em oposição, mostrando o seu valor distintivo.

3.4 Fonemas vocálicos. Altas Anteriores Orais e Nasais /i/ e /ĩ/

Este tópico visa analisar os dados vocálicos da variante nhandewa, seguindo os princípios de Pike.

O conjunto de SFS que abrange as vogais altas anteriores não-arredondas orais e nasais ([i], [ĩ], [ĩ] e [ĩ̃]), são, aqui, interpretados do seguinte modo:

Os fones vocálicos [i] e [ĩ] contrastam em ambiente análogo:

/i/ : /ĩ/

['ti] – negação	/'ti/
['tĩ] – branco	/' tĩ. /

Os fones [i], [ĩ], [ĩ] ocorrem em diferentes posições na estrutura silábica:

[i] ocorre em posição pós-vocálica oral;

Ambiente: (C)V___

['boĩ] ~ ['mboĩ] – cobra	/' moi/
[tui. 'ʃa] – amplo	/tui. 'ʃa/

[ĩ] ocorre em posição pós-vocálica nasal ou nasalizada;

Ambiente: (C)ĩ̃___

[ĩ. 'sãĩ] – liso	/i. 'sãĩ/
[ha. 'ũĩ] – semente	/ha. 'ũĩ/

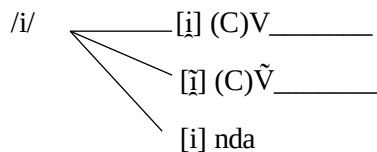
[ĩ] ocorre nos demais ambientes;

Ambiente: (nda)

[nã.'mbi] – orelha	/nã.'mi/
[i.sãi] – liso	/i.'sãi/

Concluimos que os fones [i], [ĩ] e [ĩ] são alofones do fonema /i/, por considerarmos que os dois últimos fones ocorrem em posição pós-vocálica e, por isso, não distinguem traços de nasalidade, uma vez que estes traços são distintivos apenas em sílabas tônicas, não podendo, assim, serem interpretados com alofones do fonema /ĩ/. Entretanto, o fone [ĩ] não está em distribuição complementar com o fone [i], pois, como já ilustramos, ambos se opõem em ambiente análogo:

Distribuição:



3.5 Altas Centrais Orais e Nasais /i/ e /ĩ/ - Altas Posteriores Orais e Nasais /u/ e /ũ/

Os fones centrais não-arredondados [i] e [ĩ] são foneticamente semelhantes e contrastam em ambiente idêntico;

/i / ; /ĩ/

['ki] – piolho	/['ki/
['tĩ] – nariz	/['tĩ/

Desse modo, as vogais centrais são fonemas distintivos em nhandewa / i / : / ĩ / .

Assim, podemos constatar que os fones altos e não-arredondados [i] e [ĩ], sons foneticamente semelhantes, são fonemas distintos também por contrastarem em ambiente idêntico:

/i/ : /ĩ/

['i] – seu/sua	/['i/
['ĩ] – água	/['ĩ/

O conjunto de SFS que envolve as vogais altas posteriores arredondadas orais e nasais ([u], [u̠], [ũ] e [ũ̃]) recebe a seguinte interpretação. Os fones vocálicos [u] e [ũ] contrastam em ambiente análogo;

/u/ : /ũ/

[ɔ.hẽ.'ndu] – ouve	/o.hẽ.'nu]
[ɔ.hẽ.'tu] – cheira	/o.hẽ.tũ/

Quanto aos fones [u], [u̠] e [ũ], eles ocorrem nas seguintes posições na estrutura silábica:

[u̠] ocorre em posição pós-vocálica oral.

Ambiente: (C)V____

[pa.ra.'kau̠] – papagaio	/pa.ra.'kau/
[mõ.'mbeu̠] - espécie de nambu	/ mõ.'meu/

[ũ] ocorre em posição pos-vocálica nasal ou nasalizada;

Ambiente: (C)V®____

[fẽ.'jãũ] – feijão	/ fẽ.'jãu/
[tĩũ.'ʔãĩ] – pacu	/ tiu.'ʔãi/

[u] ocorre nos demais ambientes;

Ambientes: (nda)

[i.pu.'ku] – cumprido	/i.pu.'ku/
[ri.gwa.'su] -galinha	/ri.ŋwa.'su/

/u/ ——— [u̠] (C)V____
 —— [ũ] (C)®____
 —— [u] nda

De modo similar ao grupo [i],[i̠] e [ĩ], consideramos que os fones [u], [u̠] e [ũ] são alofones do fonema /u/.

Os fones altos orais [i̠] e [u] são foneticamente semelhantes e contrastam em ambiente idêntico:

/i̠/ : /u/

[rĩ.'rĩ] – sacolinha	/rĩ.'rĩ/
[ru.'ru] – inchado	/ru.'ru/

3.6 Médias Anteriores Orais e Nasais /e/ e /ẽ/ - Médias Posteriores Orais e Nasais /o/ e /õ/ - Baixa oral e nasal /a/ e /ã/

Agrupamos os fones anteriores médios altos e médios baixos orais e nasais ([e], [ɛ], [ẽ] e [ẽ̃]) e os interpretamos do seguinte modo. Os fones anteriores orais [e] e [ɛ], bem como os nasais [ẽ] e [ẽ̃], encontram-se foneticamente em variação livre, nos termos de Pike (op. Cit). Vejamos dados acerca dessa variação:

(e ~ ɛ)

[pe.tĩ.'ɲgwa] ~ [pɛ. tĩ.'ɲgwa] - cachimbo	/pe tĩ.'ɲwa./
[ta.'pe] ~ [ta.'pɛ] caminho	/ta.'pe/

(ẽ ~ ẽ̃)

[ɲwa.'hẽ] ~ [ɲwa.'hẽ̃] -	/ɲwa.'hẽ/
[hã.'sẽ] ~ [hã.'sẽ̃] – choro	/ha.'sẽ/

Os conjuntos de fones [e ~ ɛ] e [ẽ ~ ẽ̃] contrastam em ambiente idêntico:

/e/ : /ẽ/

[hẽ.ʔẽ] ~ [hẽ.'ʔẽ] – doce	/hẽ.ʔẽ/
[hẽ.'ʔe] ~ [hẽ.ʔɛ] – sim	/hẽ.'ʔe/

Tal oposição nos permite distinguir dois fonemas /e/: /ẽ/. Entretanto, ao considerarmos que somente em sílaba tônica há distinção do traço de nasalidade (contraste entre /e/ e /ẽ/) (cf. capítulo 5), passamos a interpretar os fones [ẽ] e [ẽ̃], quando núcleos de sílabas átonas em ambiente nasal, não como alofones do fonema nasal /ẽ/, mas sim como alofones do fonema oral /e/. Enfatizamos, ainda, que o fonema /ẽ/ tem como alofones [ẽ ~ ẽ̃], apenas quando ocorrem em sílabas tônicas: /ẽ/ -----[ẽ ~ ẽ̃] / em sílabas tônicas.

Os fones anteriores não-arredondados [i] e [e] são foneticamente semelhantes e contrastam em ambiente idêntico.

/i/ : /e/

['ki] – como	/'ki/
['ke] – dormir	/'ke/

De maneira análoga à interpretação do SFS anteriores mediais, buscamos explicar o conjunto de fones posteriores mediais arredondados: [o], [õ], [ɔ] e [õ̃].

(o ~ ɔ)

[o.'ke] ~ [ɔ.'ke] – ele dorme	/o.'ke/
[ko.'kwe] ~ [kɔ.'kwe] – campo	/ko.'kwe/

(õ ~ õ̃)

[õ.'kẽ.'mã] – já dorme	/ɔ.ke.'mã/
[õ̃.mbu.'kwa] – furar	/õ̃.mu.'kwa/

Os fones posteriores orais [o] e [ɔ] e os nasais [õ] e [õ̃], encontram-se, respectivamente, em variação livre. Já os conjuntos de fones [o ~ ɔ] e [õ ~ õ̃] contrastam em ambiente análogo;

/o/ : /õ/

[o] ~ [ɔ] – 3ª. pessoa do singular	/o-/
['õ̃] ['õ̃̃] – estar, existir	/'oi/

Por fim, a variação entre [o ~ ɔ] e [õ ~ õ̃] e o contraste entre tais conjuntos são interpretados respectivamente pelos fonemas /o/ : /õ/.

Considerando a distinção relativa ao traço de nasalidade que ocorre apenas em sílabas tônicas (cf. capítulo 5), interpretamos os fones [õ] e [õ̃] quando núcleos de sílabas átonas em ambiente nasal, como alofones do fonema oral /o/. O fonema /õ/ tem como alofones [õ ~ ɔ].

Os fones posteriores arredondados orais [o] e [u], foneticamente semelhantes, contrastam em ambiente idêntico.

/o/ : /u/

[so.'ʔo] – carne	/so.'ʔo/
[su.'ʔu] – morder	/su.'ʔu/

As vogais baixas centrais [a] e [ã] contrastam-se em ambiente idêntico, o que nos permite diferenciar os dois fonemas /a/: /ã/. Sobre essa premissa, observemos os dados abaixo:

/a/: /a/

[i. 'kwa] – buraco	/i. 'kwa/
[i. 'ŋwã] – dedo dele	/i.ŋwã/

Os fonemas /a/ e /e/ também se contrastam em ambiente idêntico;

/a/ : /e/

[pi. 'ra] – peixe	/pi. 'ra/
[pi. 're] – casca	/pi. 're/

Diante do supracitado, podemos notar que todos os fonemas vocálicos orais e nasais do nhandewa do MS puderam ser atestados por contraste em ambiente idêntico ou análogo, distinguindo de significados. A esse respeito, Costa (2003) também considera a oposição oral vs. nasal entre as vogais do Nhandewa falado no PR e SP, entendendo ser uma oposição subjacente e fundamental: “Entre as vogais, a oposição principal é oral / nasal” (Costa, 2003:96).

3.7 Nasalização, estrutura silábica e o acento no Guarani (Nhandewa)

O fenômeno da nasalização é aplicado e discutido por diversos pesquisadores renomados que se voltam para os estudos fonológicos das línguas indígenas, para tanto, discorreremos sobre essas teorias em volta do trabalho de Cardoso (2009), no qual ela faz uma interpretação de cada linha fonológica voltada para os estudos da nasalização do Guarani.

Cardoso (2009) traz Barratt com os seguimentos fonológicos gerativistas, em que aponta duas regras principais para explicar a nasalização; sendo a primeira uma regra obrigatória em que as vogais tônicas espalham nasalidade à direita, enquanto a nasalidade para a esquerda é opcional, pois ocorre por meio de vogais tônicas e oclusivas pré-nasalizadas, só assim ocorre o espalhamento à esquerda. Nisso, é dito que Barratt faz a interpretação fonológica das oclusivas pré-nasalizadas como consoantes nasais de (/m/ e /n/) que antecedem uma vogal nasal e precedem uma vogal oral.

Por conseguinte, Cardoso (2009) aborda a autora Goldsmith para reforçar a teoria de Barratt sobre as oclusivas pré-nasalizadas, que ocorrem através de fatores fonológicos, em que

explica que as ocorrências delas não são voltadas para o ambiente nasal e sim ao que se precede a isso. Portanto, na interpretação de Goldsmith, as nasalidades que ocorrem dentro da língua Guarani é um fenômeno autosssegmental que resulta na pós-oralização das consoantes nasais /m/ e /n/.

Nos dados coletados, apresentados e discutidos nos tópicos anteriores, juntamente com os parágrafos acima, mostram que a pós-oralização das pré-oclusivas ou dos fonemas /m/ e /n/ são recorrentes na variante do Nhandewa do Mato Grosso Sul. A análise desses dados demonstra que a palavra cobra ['mboi] e ['boi] exibe o alofone, e concretiza que as oclusivas pré-nasalizadas são apenas uma pós-oralização das nasais. As sílabas são perceptíveis, principalmente, quando o falante fala pausadamente — momento em que podemos observar sílaba por sílaba, o seu posicionamento e a tonicidade delas.

A sílaba é pensada como uma unidade que organiza os sons da fala de forma intrínseca, o ponto principal da sílaba, na maioria das línguas, são as vogais e o núcleo da língua, isso apresenta um padrão definido de *onset* (ataque silábico) o núcleo (vogais) e coda (final da sílaba). Blevins (2006, p.333) aponta que “a rough definition of sonority is the loudness of a sound relative to energy used to produce that sound¹²” sendo que as vogais são extremamente sonoras enquanto as consoantes possuem obstruções e não são tão sonoras. Contudo, Blevins (2006, p 334) pontua que:

Most phonologists and phoneticians agree on a sonority scale in which low vowels are the most sonorous segments, followed in decreasing sonority by mid vowel, high vowels, high glides, liquids, nasal stops, fricatives, and oral stops. Sonority is often claimed to play a role both in the overall contour of syllables, and in the range of segments which can serve as syllable peaks or nuclei¹³.
(BLEVINS, 2006, p.334).

Nesse caso, as vogais serão o pico e o núcleo silábico, pois a tendência da sílaba é subir a sonoridade ou permanecer firme até o pico da sonoridade e permanecer firme até cair a sonoridade. Essa tendência é mencionada por Blevins (2006) como SSG (*Sonority sequencing generalization*) na qual a sonoridade tem o *onset* não silábico para o núcleo silábico, nessa

¹² Uma definição aproximada de sonoridade é a sonoridade de um som em relação à energia utilizada para produzir esse som.

¹³ A maioria dos fonologistas e foneticistas concorda, numa escala de sonoridade em que as vogais baixas são os segmentos mais sonoros, seguidas na sonoridade decrescente pela vogal média, vogais altas, glides altos, líquidos, paragens nasais, fricativos, e paragens orais. A sonoridade é frequentemente afirmada como desempenhando um papel tanto no contorno geral das sílabas, como na gama de segmentos que podem servir como picos ou núcleos de sílabas.

sequência, pode-se mostrar que a tipologia silábica do Guaraní (Nhandewa) é V e CV, como a base da língua, como podemos observar em:

a) /po.'rã/ – bom;

CV.CV

b) /'ĩ/ – água;

V

Uma outra estrutura silábica é o VCV como pode ser notado em:

c) /a.'kã/ – cabeça

Por fim, temos a CVV como exemplo temos a palavra:

d) /'kaĩ/

e) /ka'a/

f) /kwa'a/

Na língua Guaraní, é notável o comportamento silábico, como exemplificado acima, em que mostra um padrão silábico em CVV. Para que possamos compreender esse comportamento, abordamos o estudo de Costa (2012, p. 97), o qual nos apresenta uma leitura voltada para esse assunto. Em sua pesquisa, a estudiosa aponta que “toda e qualquer vogal em um primeiro momento da silabificação, é pico de sílaba, então em uma sequência VV, podemos considerar cada vogal como núcleo silábico”. Hayes (1989) aponta que o caráter silábico irá variar de acordo com cada língua, desse modo, aquelas que possuem um certame de CV ou CVV equivalem a regra do peso mora, principalmente em posição atribuída a consoantes pós-vocálicas.

Ainda com Costa (2012), percebemos que em regras linguísticas, as quais conhecemos, as vogais altas, em suma, ocupam a posição de coda, sendo essa a regra que conduz os ditongos.

Portanto, em teoria, é dito que uma sequência de segmentos de sonoridade idêntica não pode ocorrer na mesma sílaba platô (sonoridade plana). Costa (2012) aponta o gatilho para a quebra do platô, dando o exemplo de ['boĩ] – cobra. Em suas palavras, menciona que:

[...] compreendemos que o gatilho para a inserção de uma consoante antecedendo /i/ relaciona-se a uma formação obrigatória de onset, o que leva a não associação de uma vogal à coda da sílaba precedente. Portanto, cria-se a possibilidade de manifestação da oclusão glotal e, depois, em uma nova passagem da regra, tem-se a origem canônica da sílaba CV para os segmentos envolvidos. (COSTA, 2012, p.104).

A sílaba do Guarani, tende a apresentar as glotais surdas, para preencher essa lacuna, ou essa necessidade de *onset*, sendo que as glotais jamais ocorrem em coda, mas sempre seguida de um outro segmento vocálico oral, como [so.'ʔo] – carne.

Ao que se diz da OCP (princípio do contorno obrigatório) ela causa limitações, ocasionando o apagamento de algumas vogais. Sobre isso, Costa (2012) explica que:

Podemos concluir que a OCP realmente existe no Guarani e seu domínio de atuação diz respeito morfológico (juntura entre morfemas) e à sílaba (vogais homorgânicas em sílabas contínuas): no caso em questão, OCP proibiria vogais idênticas associada a sílabas adjacentes. (COSTA, 2012, p.106).

Temos a utilização da glotal para dar um balanceamento no silábico [kwa.'ʔa] – saber, no entanto, como temos a palavra [ka.'a] – erva mate, mostra-se que há uma quebra na ocorrência da OCP, a glotal em [ka.'a] não aparece, havendo apenas uma separação silábica na palavra.

É considerado um comportamento silábico, ao qual a glotal surda /ʔ/ se comporta como *onset* para preencher a lacuna da palavra. Temos como exemplo desse comportamento:

g) /mã.ni.'ʔo/ – Mandioca

CV. CV. CV – Consoante e Vogal

Ao observar a estrutura da variante Nhandewa do Mato Grosso do Sul, podemos abordar o acento silábico, como podemos observar nos exemplos acima, o acento chega ao limite da sílaba. Cerno (2011, p. 63) reflete sobre as sílabas do Guarani, ressaltando que “con regla general, el Guarani posee acento fijo ubicado siempre en la sílaba más próxima al limite derecho de la palabra, con lo cual tenemos que, con excepciones¹⁴”. Em outras palavras, ele afirma que os acentos da língua Guarani são agudos. Para que possamos compreender o porquê do acento no Guarani ser agudo, é importante falar sobre o peso da sílaba.

¹⁴ Como regra geral, Guarani tem um acento fixo sempre localizado na sílaba mais próxima da margem direita da palavra, o que significa que temos, algumas exceções.

O peso das sílabas tem como característica distinguir as leves e as pesadas, tem o propósito dos acentos padrões: os padrões de tonalidade e os padrões métricos. No entanto, para que possamos entender o peso, recorreremos a Blevins (2006) que ignora o *onset* e foca na rima/núcleo, sendo mais comum, de acordo com ela, que VV é pesado e V é leve, ou até mesmo o peso de VC é mais pesado que apenas V. Visto isso, fica claro de o porquê das sílabas do Guarani serem consideradas agudas, nesse caso, pesadas, pois a maioria das suas terminações são em V, VC ou em VV. Exemplo desse peso, estão nas palavras /'kaĩ/ - dente, em que temos VV, mostrando que a tônica está no fonema /a/ e a glide alta /i/. Dessa forma, concluímos que as sílabas do Nhandewa-Guarani são pesadas com o peso VV, e leve quando tem a terminação em V, ou CV.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise fonêmica apresentada nesta pesquisa, possibilitou-nos trazer o inventário fonético e fonológico da variante Nhandewa do Mato Grosso do Sul, que é composta por 14 fonemas consonantais e 10 fonemas vocálicos.

Dentro da análise fonêmica, abordamos a diferença entre o Nhandewa estudado por Costa (2003) e o Nhandewa do Mato Grosso do Sul, o qual concluímos de modo breve que as pré-nasalizadas são alofones, principalmente no quesito de pós-oralização das nasais /m/ e /n/.

No decorrer da análise, trouxemos um breve estudo da sílaba, tomando como base a tipologia V e CV, que é regra geral da língua Guarani, quesito acento, é mostrada que ela é aguda, ocorrendo sempre no limite da sílaba, tendo-se a visão que a glotal surda /ʔ/ sempre estará dando suporte para que as vogais não se encontrem, preenchendo a lacuna sempre em posição de *onset*.

Esta breve análise deixa em aberto análises futuras da sílaba e uma discussão mais aprofundada das questões pós-oralizadas, principalmente no quesito sintático da língua e morfológico, uma vez que, aqui, buscamos discutir brevemente sobre a variante Nhandewa do Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, R. F. T. DE; MURA, F. Povos indígenas do Brasil: **Guarani, Kaiowa e Nandeva**. Instituto Socioambiental, 2003. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_%C3%91andeva. Acesso em: 24 ago. 2020.
- BLEVINS, J. **Syllable typology encyclopedia of Language and Linguistics**. Oxford: Elsevier, v. 12, 2006, p. 333-337.
- BRAND, A. Quando chegou esses que são nossos contrários: A ocupação espacial e o processo de confinamento dos Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul. In: **Multitemas**, v. 12, nov. 1998.
- CARDOSO, V. F. **Descrição gramatical do kaiowá (guarani): Pontos essenciais**. Berlin: Novas edições acadêmicas, 2015.
- _____. A variedade kaiowá (guarani) e seu contexto multilíngue. In: Pria, A. D.; Morais, E. G.; Cardoso, V. F.; Carvalho, G. A. de. (Org.). **Linguagem e línguas: invariância e variação**. Campinas-SP: Pontes, v. 1, p. 59-70, 2014.
- _____. Sistematização da Fonologia Kaiowá: nasalização e/ou oralização. **Sínteses-ISSN 1981-1314**, v. 14, 2011.
- COSTA, C. de P. C. **Nhandewa Aywu**. Campinas - Dissertação (Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2023.
- _____. **Apyngwa rupigwa: nasalização em nhandewa-guarani**. Campinas - Tese (Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2007.
- IVO, I. P. **Características fonéticas e fonologia do Guarani no Brasil**. Tese (Linguística) Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 2018.
- KINDELL, E. G. **Guia de Análise fonológica**. Brasília, DF: Publicação do Summer Institute of linguistics, 1981.
- MELIÀ, B. **El guaraní conquistado y reducido: Ensaio de etnohistoria**. Assunción, 1986.
- _____. A terra sem mal dos guarani: Economia e profética. In: **Revista de antropologia**, JSTOR, v. vol.33, p. pp.33-46, 1990. Disponível em: www.jstor.org/stable/41616056. Acesso em: 12 jun. 2020.
- MURA, F. Por que fracassam os projetos de desenvolvimento entre os guarani de Mato Grosso do Sul? Notas críticas para uma política de sustentabilidade. **Tellus**, Campo Grande - MS p. 53-72, abril/out 2005.

NIMEUNDAJÚ, C. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani**. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1987.

PEREIRA, A. A. Aspectos da nasalização na língua Asurini do Xingu (Tupi-Guarani). *Via Litterae* (ISSN 2176-6800): **Revista de Linguística e Teoria Literária**, v. 3, n. 2, p. 237-246, 2011.

O PROGRESSO DIGITAL. 2015. Disponível em: <https://www.progresso.com.br/noticias/funai-realiza-estudo-para-ampliar-a-reserva-indigena-de-dourados/170432>. Acesso em: 26 ago. 2020.

ORTIZ, R. I. Arte, Artefatos e cosmologia entre os Guarani (Nhandeva) em Dourados Mato Grosso do Sul (Brasil). **Revista Antropológica**. v. 30(2), p. 120-155, 2019.

PIKE (1947), K. **Phonemics**: a technique for reduce languages to writting. Ann Arbor: The University of Michigan press, 1974.

RODRIGUES, Ayron Dall'igna. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. **Revista de Antropologia**. São Paulo, nº 27/28, 1984/5a.

RODRIGUES, Ayron Dall'igna. **Línguas brasileira: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: edição Loyola, 2002.

SCHALLENBERG, E.; SANTOS, J. G. dos. Em nome da terra: um estudo sobre o sentido da terra para os guarani Nandéva. **Revista tempo da ciência**, v. 21, 2014.

SCHANDEN, E. **Aspectos fundamentais do guarani** [1954]. 3ª. ed. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

Santana Junior, J. R (2009). A reserva indígena de Dourados-MS: considerações iniciais sobre o modo de vida Guarani. In: **Encontro de Geógrafos da América Latina**, 12. Anais. Montevideu,

SPOSATI, Ruy. **Guarani Continental**: Verso. <http://campanhaguarani.org/guaranicontinental/mapas/>. 2017. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/005161607cb900b071c57>. Acesso em: 24 ago. 2020.

SURREAL, J. **The guarani and theis missions**: a socioeconomic History. 1st. ed. Stanford University Press, 2014. Disponível em: www.jstor.org/stable/j.ctvqsf00k. Acesso em: 18 ago. 2020.

SUSNIK, B. **Etnohistória de los guaraníes**: época colonial. Asunción: Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, 1979-80.

WETZELS, W. L. **Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.